

Os deputados do PSOL,
Marcelo Freixo
e Janira Rocha falam
do movimento que sacudiu
o Rio de Janeiro.
Entrevistas com os líderes
dos bombeiros.

SOCIALISMO & LIBERDADE



Dossiê Bombeiros

O Rio Vermelho

ECONOMIA

**O "Socialismo dos Ricos",
ou "O Polulismo"**
por Milton Temer

CULTURA

O jogo e o trabalho
por Leandro Konder

OPINIÃO

É o dinheiro, estúpido!
por Chico Alencar

ECONOMIA

**Dívida pública e Superávit primário:
as minhocas do
desenvolvimento brasileiro**
por Randolfe Rodrigues

CÓDIGO FLORESTAL

Entrevista com Ivan Valente

OPINIÃO

**Miséria humana
e roubalheira política
sustentam o Poder**
por Heloísa Helena



SOCIALISMO & LIBERDADE

Ano III | Nº 5 | Julho de 2011 Uma publicação da Fundação Lauro Campos

Sumário

Dossiê Bombeiros	4
Bombeiros anistiados	4
Rio Vermelho por Renata Stuart	5
Entrevista bombeiros Sargento Valdelei, Cabo Fabiano, Capitães Lauro Boto, Demarco e Bilbao	6
Nem um passo daremos atrás!!! por Jefferson Moura	8
Entrevista bombeiro Cabo Daciolo	9
O exemplo vermelho por Honório Oliveira e Israel Dutra	11
Entrevista bombeiro Cabo Souza	13
Entrevista Marcelo Freixo e Janira Rocha	16
Entrevista Beatriz Lugão Greve na Educação	20
Estudantes PUCRS: o renascimento do movimento estudantil democrático	21
Entrevista Ivan Valente Código florestal	23
Belo Monte Carta do Cacique Mutua a todos os povos da Terra	26
Internacional 19-J: indignação massiva por Josep Maria Antentas e Esther Vivas	28
Internacional Os aganaktismeni tomam as praças e as ruas por Yorgos Mitralias	29
Cultura O trabalho e o jogo Leandro Konder	31
Economia As minhocas do desenvolvimento brasileiro Randolfe Rodrigues	32
Economia O "Socialismo dos Ricos", ou "O Polulismo" Milton Temer	33
Opinião Miséria humana e roubalheira política sustentam o Poder Heloísa Helena	34
Opinião É o dinheiro, estúpido! Chico Alencar	35
E então que quereis?... Vladimir Maiakovski	37

DOSSIÊ BOMBEIROS



Bombeiros anistiados

A anistia administrativa dos bombeiros foi aprovada por unanimidade na terça-feira, 28 de junho, na Alerj, e sancionada pelo governador na quarta-feira (29/6). Em Brasília, na Câmara dos Deputados, os bombeiros foram anistiados criminalmente na quinta-feira (30/6). Por ocasião da votação da anistia pela Assembleia Legislativa, foi aprovado o reajuste de 5,58% proposto pelo governo Cabral. Um acréscimo irrisório, de apenas R\$ 70,00. Os bombeiros reivindicam o piso de R\$ 2.000,00.

Rio Vermelho

Por **Renata Stuart**

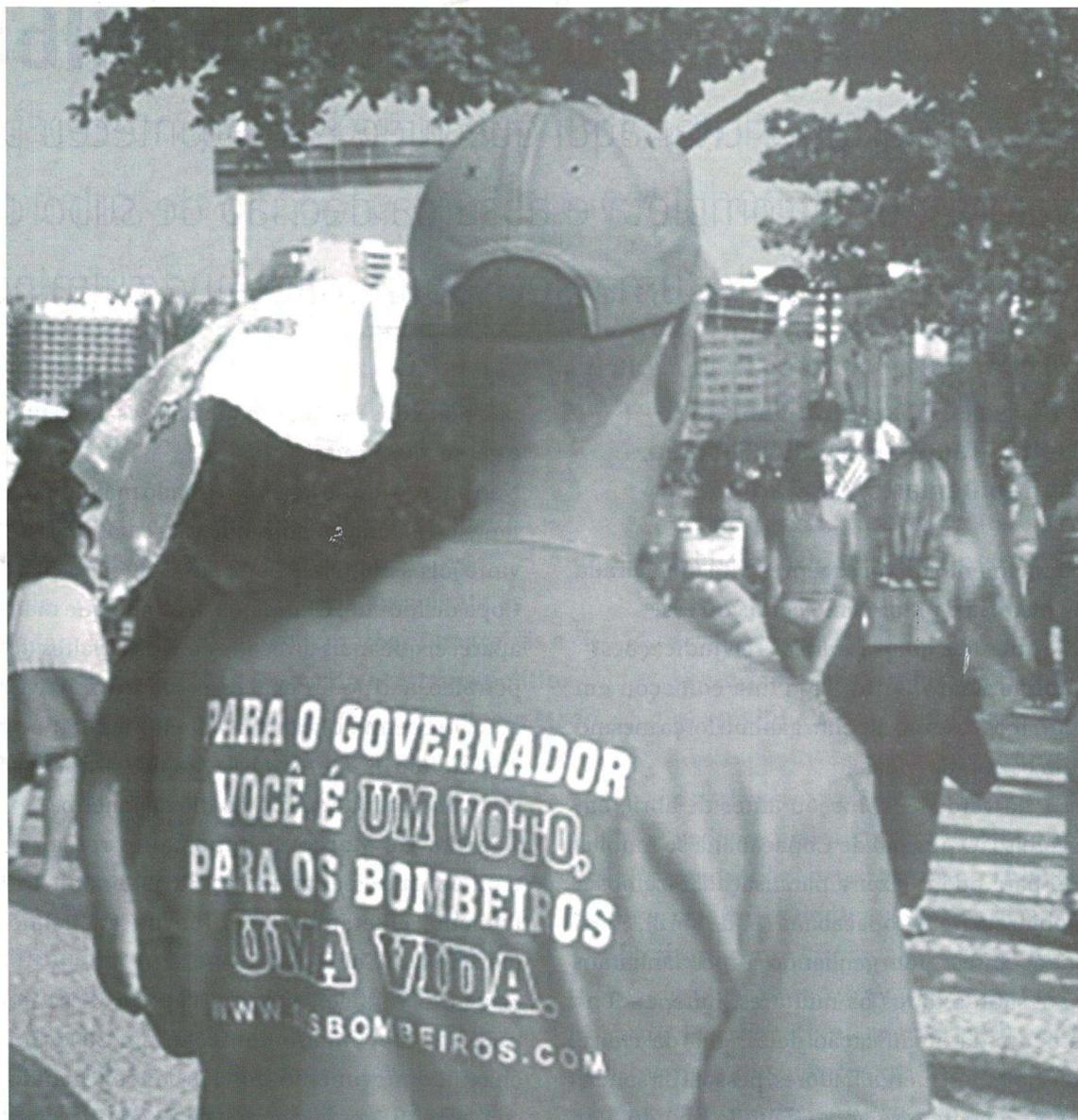
Era uma manhã de sábado; apesar do frio incomum no Rio de Janeiro o céu estava aberto e clima era de euforia e ansiedade. Por volta das 9h os frágeis cavaletes de metal que obstruíam a saída do Quartel de Bombeiros de Charitas, em Niterói, região Metropolitana do Rio foram retirados. O pátio da corporação deu vez a um mar vermelho de homens que marchavam e cantavam o hino nacional.

Os 439 bombeiros presos no dia 04 de junho de 2011, acusados de invadir o quartel central da corporação finalmente estavam livres. Os habeas corpus, concedidos pelo desembargador Cláudio Brandão de Oliveira, chegaram ainda de madrugada. Foram oito dias dormindo longe da família, em finos colchonetes e comendo biscoitos e frutas.

Esposas e filhos, que por uma semana mudaram de endereço choravam emocionadas e a sensação era de justiça.

Bombeiros, familiares, imprensa e colaboradores lotaram dez ônibus cedidos pela prefeitura. Devidamente enfeitados com bandeiras vermelhas e faixas que pediam a anistia a todos, os veículos seguiram em carreata até as barcas de Niterói, localizada no centro daquela cidade há cerca de 10 quilômetros do ponto de partida.

Eu estava lá e fui tomada por uma alegria que contagiava a todos no coletivo. O sorriso não saía da boca, o clima era de parceria e fraternidade. Nas ruas éramos recebidos com aplausos, gritos eufóricos, assovios, sorrisos, acenos. O funcionário de uma obra, ao ver os ônibus, agarrou a camisa vermelha, no lado esquerdo do peito e a beijou com orgulho. A comparação pode



ser feita a passagem de jogadores campeões de uma Copa do Mundo. Carros e bicicleta foram enfeitados com adereços vermelhos e até os vira latas das ruas passavam com fitas amarradas ao pescoço.

O motorista do primeiro ônibus errou o caminho e sem querer toda a carreata teve que passar em frente ao quartel de bombeiros no centro de Niterói. A festa foi ainda mais emocionante. Unidos a causa, os bombeiros daquele quartel ligaram as sirenes de seus caminhões e foram para a rua receber com choro os heróis presos em nome de todos. Por diversas vezes meus olhos encheram d'água,

agradecia por estar participando daquele momento histórico.

A saída dos ônibus foi de mãos dadas e com a conhecida disciplina militar, os bombeiros formaram uma massa vermelha na calçada. Uma multidão envolveu o grupo como num abraço.

As justas reivindicações dos homens do Corpo de Bombeiros do Estado do Rio de Janeiro que pedem um salário base de R\$2 mil, mais vale transporte e condições dignas de trabalho me proporcionaram um dos episódios mais belos na minha vida. Sim nós podemos e temos o direito de viver com dignidade!

Sargento Valdelei, Cabo Fabiano, Capitães Lauro Boto, Demarco e Bilbao

“É importante citar aqui que tudo isso aconteceu por inúmeras inversões de valores: uma completa e absurda decisão de subordinar o Corpo de Bombeiros à Saúde, uma decisão inédita, que culminou nessa revolta”

Entrevistados: **Sargento Valdelei, Capitão Lauro Boto, Cabo Fabiano, Capitão Demarco, Capitão Bilbao**

O movimento de vocês representa uma virada na história do Rio. Como começou esse movimento e quais foram as reivindicações?

Capitão Lauro Boto: Essa luta começou em 2007, mas esse movimento ganhou força mesmo com os guarda-vidas.

Isso, na verdade, começou antes de abril, em fevereiro. O pessoal de Copacabana se mobilizou para poder fazer a paralisação. Fizemos a mobilização em Copacabana (17 de abril). Foi aí que as coisas foram ganhando corpo. Ganhamos a adesão de todos os militares, independentemente da qualificação deles: guarda vidas, combatentes, mergulhadores, pessoal da saúde. Então, a gente teve apoio de todo mundo. Por isso que culminou nessa mobilização gigantesca que a gente viu no dia 12 de junho.

É importante citar aqui que tudo isso aconteceu por inúmeras inversões de valores: uma completa e absurda decisão de subordinar o Corpo de Bombeiros à Saúde, uma decisão inédita, que culminou nessa revolta. Houve a criação de inúmeras gratificações sem critério. Foi delas que partiu a quebra da hierarquia. Gratificações políticas. Elas até hoje existem e só beneficiam alguns dentro da corporação, desrespeitando o critério de hierarquia, de qualificação, de igualdade entre os postos e as graduações. Acho que esses dois fatores são os principais para que houvesse essa mobilização gigantesca. É claro,

não podemos esquecer o miserável salário que a gente recebe aqui.

Não pode, o Rio de Janeiro, o estado mais importante da federação hoje, que vai sediar mais de vinte jogos militares, Copa das Confederações, Copa do Mundo, Olimpíada, o estado que mais aparece, que mais arrecada com os royalties do petróleo, não pode pagar esse salário miserável aos bombeiros e policiais. Na minha leitura, esses foram os fatores que levaram a esse movimento social que surgiu no Rio de Janeiro.

Capitão De Marco: É importante ressaltar também que essas gratificações quebraram totalmente a hierarquia. Tem Tenente ganhando mais do que Coronel.

Sargento Valdelei: Como o capitão disse no início, o movimento começou em 2007, foi chamado movimento dos Barbonos. Quando começamos a perceber que essas gratificações eram factoides. O que acontece? O militar se acidenta, se machuca, ou vai para a reserva e perde isso tudo, perde as gratificações. Começamos com nosso movimentos dos guarda vidas. Começou em fevereiro e aí começamos a marcar (podemos dizer agora) reuniões clandestinas e elaboramos o primeiro manifesto.

O movimento de vocês, na verdade acendeu uma fagulha, e a polícia, que é muito difícil de se mobilizar, de se organizar, a partir daí começou a aderir. Como vocês enxergam isso?

Sargento Valdelei: Eu acho ótimo, porque além de militares, de estar brigando por nós, nos

somos cidadãos. É inadmissível que tenhamos hoje, em pleno século 21, no Rio de Janeiro, um soldado da Polícia Militar ou do Corpo de Bombeiros ganhando menos de 2 salários mínimos. A Polícia Militar nos apoiando, está se conscientizando que tem que brigar, como nós estamos brigando, por salário, porque as gratificações, além delas serem desagregadoras, não são perenes, O que recebemos hoje, amanhã não receberemos mais... O camarada, se ele se acidenta, se ele se acidenta em serviço, ele perde essas gratificações, se ele passa para reserva, ele perde, se ele morre, a pensionista não faz jus a essas gratificações. Então, os policiais militares estão se sensibilizando quanto a isso e estão participando com a gente, estão vindo cada vez mais. A gente até espera que isso se resolva logo. A gente não quer essa manifestação, não queria ter chegado onde chegamos. Mas a gente também não vai recuar agora. Até mesmo por ter recebido tamanha manifestação de carinho e solidariedade da população, a gente sabe que não pode recuar agora, a gente está criando corpo cada vez mais... E a gente pede um valor muita abaixo do que outros estados, com importância muito menor do que o Rio de Janeiro, pagam! Estamos cada vez mais fortes, com mais apoio da Polícia Militar, que esta vindo em massa conosco.

É um movimento impressionante. Desde o Fora Collor que o Rio não via algo parecido. Vocês tinham a dimensão, principalmente os presos, do que estava acontecendo aqui

fora, de que o povo estava apoiando dessa forma, com esse tipo de manifestação. No estado inteiro, várias manifestações pipocaram, vários municípios declararam apoio. Enfim, o governador deu um tiro no pé, e o movimento se transformou em algo para muito além do imaginado, muito mais político, com adesão dos professores...

Capitão De Marco: Com certeza. Eu sou um que ficou preso. Nossa visão era somente pela televisão. A gente não podia acompanhar o que estava acontecendo aqui fora, as janelas com panos vermelhos, as fitas vermelhas nos carros. A gente sabia o que era amado, o que gostavam da gente, mas a gente não imaginava que esse amor era tão grande. E o movimento não ficou só na cidade do Rio, ele foi no Brasil. Recebemos manifestações de New York, da Espanha, da Alemanha. Na manifestação que teve em Copacabana, veio uma jornalista japonesa falar comigo, para você ver a dimensão que tomou.

Capitão Botto: Eu dei entrevista para a CNN latina. Foi até emblemático. Um bombeiro da Argentina veio com o contracheque em mãos. Ele ganha 7 mil pesos (aproximadamente 3 mil reais) e está lá no início de carreira. Ele vai aqui demonstrar que, até na Argentina, em Buenos Aires, um país em crise financeira, o salário é três vezes maior que o nosso aqui. E o mesmo fogo que tem na Argentina, tem no Rio de Janeiro, tem em Brasília. O mesmo salvamento que é realizado nos mares da Argentina é realizado aqui, no Rio de Janeiro, também. Eu diria que os daqui são até um pouco piores, considerando a situação que a gente presenciou e participou agora a pouco na Região Serrana.

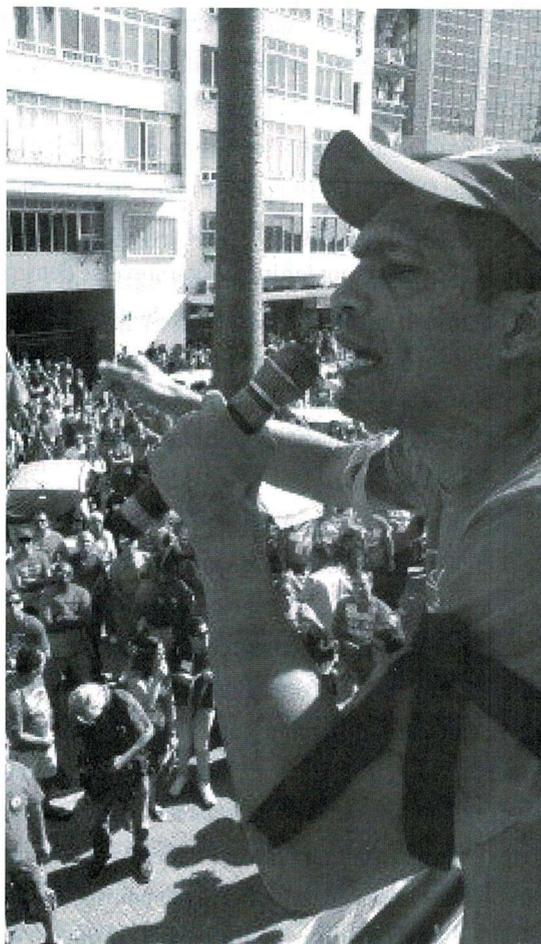
Capitão De Marco: Somos o primeiro Corpo de Bombeiros do Brasil.

Cap. Lauro Botto: Então, isso é muito importante. Um estado tão rico como o nosso pagar tão mal. Isso aí nos castiga e, em vários casos, nos revolta.

A primeira vitória foi conseguida, mas é uma vitória parcial, que foi a liberdade dos 439 presos. A gente queria saber agora a pauta do movimento. Quais são os próximos passos?

Cap. Lauro Botto: O governo voltou atrás,

mesmo que tarde, nos colocando de novo na Secretaria de Defesa Civil, nos retirando da Secretaria de Saúde, e a gente conseguiu soltar, mesmo que provisoriamente, nossos companheiros que estavam presos. Agora a luta é pela anistia administrativa e criminal do pessoal que foi preso e por salário, que foi de onde tudo partiu.



Capitão Lauro Botto

E se o governo tentar vencer o movimento pelo cansaço?

Cap. Botto: Olha, eu acho que a gente já deu provas de que não vai se cansar, não. A gente para e volta! Quando volta, volta mais forte. A Polícia Militar está vindo conosco, ficou claro. Mas a gente tem confiança de que as coisas vão se resolver agora, que o governo vai reavaliar a posição dele e, enfim, vai dar o que a gente está pedindo, que é a nossa dignidade salarial.

Qual é a sensação de vocês agora?

É muito difícil julgar a história no tempo presente, agora, no momento, mas, como vocês sentem o movimento de vocês na

dimensão histórica? Vocês já têm alguma idéia do que isso vai significar pro futuro?

Cap. Botto: A revolta da chibata foi dos marinheiros, do almirante negro, eles também não tinham idéia que em 2008, 98 anos depois, seriam anistiados e condecorados aqui nesta própria Assembleia Legislativa. A gente hoje talvez não tenha essa dimensão, a gente sabe que criou um marco, um divisor de águas, tanto no Corpo de Bombeiros como na sociedade fluminense, que desde o Fora Collor, dos caras pintados em 92, não tinha uma mobilização social como se viu agora. A história está sendo escrita, vamos ver como ela vai terminar.

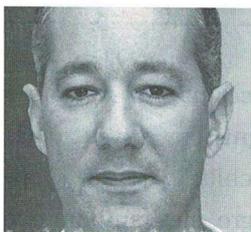
Sargento Valdelei: Ontem mesmo, quando eu fui embora, peguei o ônibus. Eu estava praticamente fardado, com calça vermelha; o motorista falou “não, você não vai pagar não! Dane-se a câmera, o patrão pode me mandar embora, que você não vai pagar não”. O cara deu carona para mim e minha esposa e, quando nós saltamos, os camelôs que trabalham lá na rua vieram todos me abraçar: “Bombeiro!”. Porque já me conhecem. É isso. E os nossos companheiros de quartel ficam ligando, mandando recados pela internet: “não pode parar”.

Os 439 foram os que deram o grito, que ficaram firme até o final, sendo atacados. Uma ordem absurda que deram lá. Resistimos. Os bombeiros da brigada 439 isso para a gente é motivo de orgulho.

Cap. Botto: A gente não sabe nem como isso vai ser lembrado, se vai ser a brigada 439, se vai ser o Rio vermelho. A gente não sabe. O que a gente sabe é que muitas histórias vão ser contadas... hoje em dia então, com a internet, com a facilidade que se tem: livros, filmes... A gente acredita que muitas manifestações dessas vão acontecer e a gente fica orgulhoso.

Não fiquei preso. Eu estava aqui, do lado de fora, mas, enquanto a gente não conseguiu arrumar uma maneira de botar o pessoal para fora, eu e muitos outros não descansamos... E já fiquei preso outras vezes. Sei que os camaradas passaram.

O apoio que a população estava dando para a gente era até maior do que imaginávamos. Isso com certeza vai ficar marcado na nossa história.



Nem um passo daremos atrás!!!

Os episódios ocorridos no Rio de Janeiro são uma virada de página para além da conjuntura, sem nenhuma dúvida a luta dos soldados, praças e oficiais do Corpo de Bombeiros do Estado do Rio De Janeiro entraram para a história brasileira.

O mais antigo corpo de bombeiros do país, fundado pelo Imperador D. Pedro II em 1856, e que tem o pior salário do Brasil incendiou os corações e mentes da população Carioca e Fluminense.

O que começou como uma luta por salário e condições de trabalho evoluiu rapidamente para um enfrentamento direto com o governo Sérgio Cabral, que mostrou pela primeira vez sua verdadeira face à população.

Os bombeiros do Estado que sediará os Jogos Militares, jogos da copa do mundo e as Olimpíadas em 2016 ganham cerca de R\$ 950,00 líquidos, tem péssimas condições de trabalho e sofrem uma opressão permanente nos quartéis.

Os companheiros vinham reivindicando ao seu comandante R\$ 2.000,00 de piso, vale transporte, filtro solar e nadadeiras para o Grupamento Marítimo vanguarda do movimento realizar seu trabalho. Estas reivindicações começaram a ganhar as ruas em abril em ações de protesto no entorno dos quartéis e paralisações que resultaram em um acampamento em Maio nas escadarias da Assembleia Legislativa – ALERJ.

O PSOL esteve desde o primeiro momento presente em solidariedade a luta dos bombeiros. A companheira Janira Rocha nossa Dep. Estadual buscou um Canal de negociação com o Governo e junto com Marcelo Freixo a partir da presidência da Comissão de Direitos Humanos atuaram de maneira exemplar. Estabelecemos uma linha direta com o comando do movimento e buscamos fortalecer a luta dos companheiros. Nosso partido atuou em equipe e passamos por esta prova de fogo. Do rancho do acampamento, passando pela organização dos atos e mobilizações, no dia da ocupação do quartel central até a libertação dos bombeiros o PSOL se fez presente.

Na sexta feira dia 03 de junho, o dia em que os bombeiros em luta ao lado de suas esposas e filhos ocuparam seu quartel foi virada uma página na história das lutas e mobilizações em nosso Estado.

A combinação de soldados proletários e em grande parte cristãos mostrava no mundo real a determinação e a convicção dos que estão com a verdade ao seu lado.

Na madrugada de sábado, sem nenhum aviso ou negociação fomos surpreendidos pela covardia do Governador Cabral, que ordenou a invasão do Quartel pelo BOPE – Batalhão de Operações Especiais. O BOPE entrou pelos fundos do Quartel e lançou bombas de gás e ao fim, fez disparos de fuzil como denunciado por Janira que manteve-se dentro do quartel para evitar um massacre. Soubemos que mesmo no BOPE foram escolhidos a dedo os que participariam da “operação, pois na porta da frente o Batalhão de Choque havia baixado seus escudos e se recusado a entrar.

Ainda na manhã de sábado após a prisão coletiva de centenas de cidadãos como nos tempos da ditadura o Governador vai a TV atacar os bombeiros.

Sérgio Cabral que detém uma imensa estrutura de marketing e propaganda realizou uma coletiva e transtornado mostrou a população do Rio, pela primeira vez a sua verdadeira face. Aos gritos, com a soberba dos que se julgam déspotas acima de tudo e de todos, chamou a corporação mais querida do Estado de vândalos, disse que o RJ não tem o pior salário do Brasil e que as condições de trabalho são ótimas.

Ficaram detidos 439 companheiros, nesta altura o PSOL e a maioria da população já éramos todos bombeiros. No Domingo bombeiros e populares em solidariedade tomam as escadarias da ALERJ no primeiro ato pela libertação dos 438 soldados, cabos e oficiais e da companheira Tenente, nossos 439 heróis.

O PSOL lançou a campanha “Herói não é bandido, liberdade para os bombeiros”, fomos para as ruas com panfletos e adesivos, participamos e realizamos atos, fizemos plenárias, articulamos entidades sindicais e nossos parlamentares Chico, Jean Wyllys, Eliomar e Renatinho.

Em todo o Estado aconteceram mobilizações, nos quartéis dos bombeiros se distribuíam fitas vermelhas, durante a semana em Cabo Frio PM’s fizeram uma passeata em solidariedade e na ALERJ o movimento só fazia crescer. Na última sexta feira

policiais do Batalhão de Choque se apresentaram de camisa vermelha no quartel, a onda vermelha havia tomado conta do Rio de Janeiro.

Em Niterói onde estavam a maioria dos presos, Janira era recebida com a música: “poiera, poeira, Janira é guerreira”. Freixo esteve presente e atuou como presidente da Comissão de Direitos Humanos virando neste setor a idéia difundida pelos comandos, que direitos humanos só servem para “bandidos”. Nos atos e na direção desta luta nossa dupla: Janira e Freixo deram um belo exemplo.

A força do movimento foi muito grande e deslocou setores, além de nossas bancadas estiveram na defesa dos bombeiros desde o início os parlamentares Lindberg, Clarissa Garotinho, Flávio Bolsonaro e Wagner Montes, que vale destacar pois além de deputado estadual é apresentador de um programa de grande audiência na Record. Wagner sempre vota com o PSOL e nesta batalha abriu seu programa ao movimento o que teve muita importância para romper o bloqueio de mídia, merece nosso reconhecimento.

No fim da semana estava claro que o governo havia perdido esta batalha, o todo poderoso Cabral teve que se render aos fatos. Foi marcado para sexta uma reunião com o presidente do Tribunal de Justiça, mas antes que acontecesse um Habeas Corpus impetrado em Brasília garantiu a libertação dos presos.

No sábado um momento dos mais emocionantes que presenciei na vida, a saída dos presos e a travessia de barca para de Niterói para o Rio. Foi a travessia da liberdade e o lançamento da campanha pela anistia dos 439 heróis.

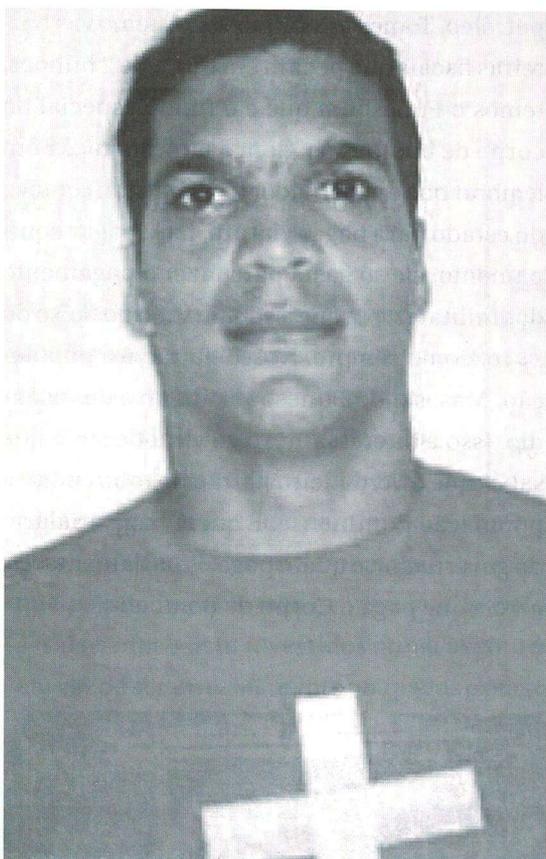
Domingo uma passeata que reuniu milhares em Copacabana, como não se via desde o “Fora Collor” deu vazão a onda vermelha que havia inundado as casas e prédios com panos nas janelas, os carros com fitinhas vermelhas e as pessoas nas ruas. O Rio vermelho venceu!

O PSOL seguirá ombro a ombro ao lado dos bombeiros e como no belo hino da corporação cantado tantas vezes nestes dias de luta: “nem um passo daremos atrás”.

*Presidente do PSOL/RJ

Cabo Daciolo

“... o governador tem que saber que o verdadeiro patrão de todos nós é a população fluminense. É quem paga o salário do governador, é quem paga os parlamentares, e é ela que paga o corpo de bombeiros.”



Cabo Daciolo

Como começou o movimento dos bombeiros?

Nós temos 155 anos de corporação e já há anos estamos em busca de ser tratados com dignidade. O movimento começou no GEMAR da Barra da Tijuca, com 30 militares, já pelo motivo de não ter material, de não ter equipamento, do salário de 950 reais... Aí, dentro dessa união, começou o movimento.

E durante quanto tempo vocês tentaram abrir o diálogo com o governo, quanto tempo durou esse impasse?

Estamos há mais de 2 meses tentando falar com o Governo. Primeiro tentamos falar com o Comandante Geral do Corpo de Bombeiro.

Ele alegou que não conversava com praça. E agora, nesse exato momento, estamos tentando falar com nosso governador, para falar das nossas reivindicações. Queremos gratificação e piso salarial líquido de 2000 reais. E o vale transporte, que nós não temos.

O episódio do Quartel General. Relata um pouco do que aconteceu lá. Qual a postura da polícia? Quais foram as ordens dadas? Qual foi o tratamento que deram ao movimento de vocês?

Neste período de 2 meses, nós estivemos na frente do Quartel Central por 3 vezes. Todas as vezes que nos reunimos lá, cantamos nosso hino de Soldado do Fogo e nos retiramos. Desta vez, no dia 3, não seria diferente. Chegamos lá com o mesmo intuito: louvar nosso hino de Soldado de Fogo e nos retirar. No entanto, chegou uma informação de que o BOPE estava vindo, de forma agressiva, ali para a rua. Nós entramos ali com nossos parentes, filhos, crianças, mães, até porque nós entendemos que o movimento é pacífico, ordeiro, harmônico, de acordo com a Constituição Federal no seu Artigo Quinto, inciso 16. E, quando chegou essa informação, nós ocupamos nosso Quartel.. Dentro do nosso regulamento, nós podemos nos aquartelar. O que nós fizemos foi isto: entramos dentro do nosso quartel. Ficamos sentados dentro do quartel, pedindo que o Comandante Geral viesse falar conosco. Ou que alguém do governo viesse falar conosco. E isso não aconteceu. Muito pelo contrario, quebrando todo o protocolo, o governo autorizou que o Bope entrasse, mandou que entrasse, invadissem o Quartel Central, sem antes ter mesmo, sei lá,

cortado a água, desligado a eletricidade, conversado, mandado o Comandante Geral falar conosco... Isso não foi feito. Simplesmente empregaram a força maior, entraram com bomba, com fuzis... Se você entrar lá, tem marcas de tiros, tiros na direção de pessoas, não o alto, tem tiro que acertou guarnição, viatura. É bom lembrar que em momento algum os Bombeiros que ali estavam presentes quebraram viatura nenhuma. Muito pelo contrario, se você pegar as fitas, vai observar que o os bombeiros estavam ali aguardando que o Governador viesse conversar, ou alguém do governo, ou até mesmo o Comandante Geral. Pode olhar que as viaturas estavam todas intactas. Aquilo que fizeram ali foi causado pelas bombas que o BOPE tacou, por todo aquele confronto que o Bope provocou, que o governo proporcionou. Lembrando ainda que não houve impedimento de viatura sair. Quando soltaram um alarme, falando que tinha um socorro, nós, primeira coisa que fizemos foi chamar o chefe da guarnição, para perguntar se era verdade, até porque primeiro a vida, depois qualquer manifestação.

Qual foi o papel dos familiares e das esposas no movimento?

Nós estamos fazendo caminhadas, passeatas, junto com a população, junto com os familiares, então, naquele momento, nossos familiares estavam ali de forma natural, como já estavam em outros momentos... Porque nós entendemos que todas as reivindicações, tudo que nos estamos pedindo é de forma ordeira, pacífica, mansa, sem armas.

Na prisão, vocês tinham dimensão da comoção que estava aqui fora, que o movimento de

vocês era tão referendado pela sociedade e que tinha tanto apoio popular, tanto apelo?

Não, lá nos estávamos sem contato. Ali, na prisão, alguns militares que ficaram em Charitas tiveram um outro tratamento, diferentemente dos militares que ficaram no GEPE. Lá é um sistema prisional. Ali você fica preso mesmo, em jaulas. Em alguns momentos, nós tínhamos acesso à televisão. Então, víamos que estava acontecendo algo a mais, que a população fluminense foi sensível, conseguiu enxergar a gravidade e o que o bombeiro estava clamando. Porque um bombeiro viver com 950 reais é triste. O problema é o governo, que não teve essa sensibilidade, o governo que chama os professores de preguiçosos, os médicos de vagabundos, os militares de vândalos e irresponsáveis. Se parar para analisar a irresponsabilidade, ela vem toda do governo.

Domingo foi de uma comoção gigantesca. Você, como liderança do movimento, tem a dimensão histórica do movimento e da passeata de domingo?

Nós estamos no século 21 e estamos, infelizmente, no estado do Rio de Janeiro, com o poder

autoritário e ditatorial, vivendo uma verdadeira ditadura. Então, ali, nós entendemos que foi o povo clamando por socorro. Foi o povo dizendo: “Estamos vivendo no século 21”. Vivemos em uma democracia onde, infelizmente, é importante citar, nosso governo não entendeu isso, não está sendo sensível a tudo que está acontecendo. O estado do Rio de Janeiro está sofrendo com isso, a nação está sofrendo com isso. O Brasil está sendo falado em todos os outros continentes... E mais esta, agravando os outros setores: hoje, estão vindo ai os professores, está vindo a saúde, porque, hoje, quem está sofrendo é o funcionário público do estado do Rio de Janeiro. Você pega o estado do Rio, é o estado que menos aplica em folha de pagamento, aplica apenas 27%, e pode investir de forma prudente até 46%. Que governo irresponsável!! Que atrocidade que vem fazendo!

Os Bombeiros deram o exemplo e outras categorias acompanharam.

Perfeito, a gente escuta dos professores, dos médicos: “Vocês são verdadeiramente nossos heróis. Vocês nos encorajaram a lutar pelos nossos direitos”. Olha, não é só o bombeiro,

não, é o servidor público, é a população de bem, todos. A pequena minoria com o poder na mão, enquanto que a grande massa vem sofrendo muito.

O Rio, hoje, é o estado que mais recebe investimentos de todo tipo, privado, do estado. Você acha que o movimento de vocês foi um grito para mostrar a realidade do nosso estado?

Ele está sendo favorável para isso. Pegue o petróleo. Temos ai 9 bilhões, nós temos as barreiras fiscais que pegam em torno de 2 bilhões, temos o Funesbom que é o fundo especial do corpo de bombeiros. Com o Funesbom, é bom lembrar que o governador não gasta um centavo do estado para pagar viatura, para pagar equipamento, ele só gasta para fazer o pagamento dos militares, porque isso saiu tudo do bolso do povo, como sempre. Nosso patrão é a população. Mas, sai do Funesbom, da taxa de incêndio. Isso é interessante: o governador tem que saber que o verdadeiro patrão de todos nós é a população fluminense. É quem paga o salário do governador, é quem paga os parlamentares, e é ela que paga o Corpo de Bombeiros.



O exemplo vermelho

Por **Honório Oliveira e Israel Dutra**

11 de Junho

O sábado da libertação dos bombeiros era realmente especial. Céu de outono azulado em Niterói. Bombeiros comemorando a soltura dos companheiros, saltando do Parque da Cidade de parapente. Uma grande festa em frente ao Quartel de Charitas, onde estiveram presos por uma semana os ativistas bombeiros. A viagem de ônibus até a estação das barcas foi marcada pelo apoio orgulhoso de milhares de pessoas nas ruas de Niterói. A travessia foi emocionante. O sentimento de unidade, solidariedade estava nos rostos, nas lágrimas, no orgulho de ter lutado. A chegada à Praça XV anunciava que novos ventos sopravam. Na mesma praça em que, há cem anos, os insubordinados do Encouraçado Minas Gerais escreveram a Revolta da Chibata, os bombeiros vermelhos anunciaram a mudança.

12 de Junho

O domingo iniciou com uma verdadeira maré vermelha, nos ônibus, metrô, carreatas. Na orla de Copacabana dezenas de milhares de pessoas protagonizaram o maior ato político desde o Fora Collor no Rio de Janeiro. Quem esteve presente escreveu um pouco da história, participou de um evento que certamente estará presente nos livros. É impossível dar a dimensão exata do que está acontecendo, mas uma coisa é certa: nada será como antes.

Uma semana vermelha que mudou o Rio de Janeiro

A luta dos bombeiros por melhores condições salariais e de trabalho vinha marcando presença nas principais ruas do Rio. No entanto, o “salto de qualidade” acontece depois da passeata do dia 3 de Junho, que termina com a ocupação do Quartel Central por parte dos

manifestantes. A intransigência do governo Cabral ficou clara desde o início do movimento. Não querendo negociar, o governador ordena a invasão do quartel, com bombas e fuzis, atuando de forma covarde contra os bombeiros. A primeira ordem, dirigida ao Batalhão de Choque não teve efeito. O governador teve de apelar ao BOPE para “evacuar” o local. Depois desta truculência, 439 ativistas foram presos. Para completar sua obra, Cabral vai a TV



chamar os bombeiros de vandalos e bandidos. Logo os bombeiros, que são conhecidos como heróis por sua atuação em tragédias como a da Região Serrana e a do Morro do Bumba. A reação da população ao absurdo cometido pelo Governador Cabral foi fundamental, pois serviu de contraponto ao discurso da mídia

que, durante dias, corroborou com o discurso fascista do governador, tentando criminalizar o movimento dos bombeiros. Em nenhum momento o povo comprou esta ideia. Pelo contrário, hoje, Cabral se encontra em situação muito complicada.

A semana da libertação dos bombeiros foi coalhada de manifestações de todo tipo em todos os municípios do estado: passeatas, carreatas, “barqueatas”, fitas, camisas, toalhas e até bandeiras do Flamengo na janela indicavam a solidariedade do povo à causa dos bombeiros.

O acampamento em frente a ALERJ, que se instalou imediatamente após a prisão dos 439, foi o centro de atividades, levando milhares a expressar sua simpatia. A força do movimento foi capaz de desencadear a unidade com outros setores que também estão em campanha salarial, como o caso dos professores e dos servidores da saúde. O SEPE deflagrou greve da rede estadual de ensino. A manifestação dos educadores na sexta-feira, 10 de junho, levou cinco mil pessoas, junto com muitos estudantes, confraternizando, num momento simbólico, com os bombeiros em frente à ALERJ.

O ápice do movimento foi a caminhada em Copacabana. Embora descontraídos, os números estimados são de 50 mil pessoas. O envolvimento de trabalhadores, de empresas, restaurantes, escritórios, repartições públicas, aposentados, jovens, camadas médias, foi imenso.

Expressões de um acúmulo anterior

Muitos se perguntavam: por que foram os bombeiros que colocaram a luta social no centro da pauta? A heróica luta dos bombeiros tem interessantes raízes. Elas apontam para uma fissura, ainda pouco exposta, nas forças de segurança em nosso país.

No Rio de Janeiro, os bombeiros estiveram diretamente envolvidos no resgate de corpos e sobreviventes nas tragédias das chuvas de 2010 e 2011, especialmente em Niterói e Região Serrana. Além de um convívio humano sem precedentes, ampliando o nível de humanização e solidariedade, os bombeiros experimentam na prática o descaso do poder público para com a população. A sensibilidade de sua prática profissional os deixa expostos às tendências mais subterrâneas da sociedade. Entre os escombros da tragédia, aprendem muito rapidamente as diferentes formas como são tratados ricos e pobres no Brasil. Estão marcados por tais eventos.

E, de outra forma, o impacto da organização das forças militares e civis para a aprovação da PEC 300 foi uma verdadeira “escola” para ampliar o nível de associação e participação sindical.

A jornada de 2011 combinou esses elementos, proporcionando a chance deste novo salto. A consciência de classe adquirida pelos bombeiros e pelo setor mais avançado da Polícia é fundamental, num estado com altos índices de violência social e política.

As contradições do projeto Dilma/Cabral

O movimento dos bombeiros quebrou a ideia de estabilidade e paz que hoje é propagandeada pelo Governo do Estado Rio de Janeiro, a ideia de estado próspero e moderno. Os bombeiros expuseram os grandes problemas do estado e revelaram o tipo de governo que temos: o governo da invasão do Alemão, do abandono dos desabrigados das chuvas, das privatizações e do saque aos orçamentos da saúde e da educação. O projeto de acumulação traçado para o Rio sofre um revés porque a luta dos bombeiros revela uma verdade que até então não havia alcançado a mente dos milhões de fluminenses. Todo este processo de acumulação e realização de capital tem uma premissa básica: a viabilidade do mesmo só se dará com concentração. A fuga dos investidores da Europa e dos Estados Unidos por conta da crise encontrou no Brasil a possibilidade de acumulação sem distribuição. A luta dos bombeiros é emblemática nesse sentido. No estado da Copa e das Olimpíadas, eles só ganham 950 reais. A tendência de concentração

de riqueza no Rio de Janeiro vai aumentar, o fosso social vai se alargar. Viver no Rio já é, em alguns aspectos, mais caro do que viver em alguns países da Europa. Os bombeiros foram os primeiros a perceber que o projeto que está sendo gestado no Rio de Janeiro, que envolve Copa, Olimpíadas, Complexo Petroquímico, royalties, UPP, Companhia Siderúrgica do Atlântico, é um projeto para poucos. A ação dos bombeiros é grandiosa porque significa um salto na consciência de todo o povo. Os bombeiros cumpriram um papel pedagógico, causando uma fissura nos planos das elites. Daqui para a frente, tudo vai ser muito mais difícil. O Brasil parecia ser um destino seguro para seus investimentos, um país pacificado, sem luta social.

A reação de Cabral, além do seu destempero habitual, mostra que, sendo fiador de um projeto que não tem qualquer objetivo distributivo, ele não poderia vacilar, tinha que derrotar um movimento reivindicativo radicalizado, na primeira hora, para que isso servisse de exemplo, ainda mais sendo os manifestantes militares.

Não por coincidência, há poucas semanas, foi revelado um esquema de compra ilegal de terras em Itaguaí, por parte de Eike Batista, para a construção do Superporto do Sudeste. O mesmo Eike que mantém relações escandalosas com o governador, que viaja para onde quer em seus aviões, responde diretamente pelas obras do Porto do Açú em São João da Barra. Aliás, em abril, tais obras foram sacudidas com paralisações e greves dos trabalhadores.

O projeto embalado pela burguesia com vistas aos grandes eventos tem causado conflitos por moradia e muitas remoções urbanas. Tais conflitos apenas começam.

O “Rio Vermelho” abriu uma janela para a luta social

O movimento social e popular “Rio Vermelho” acontece num momento especial. Sob vários ângulos. Após vinte anos de recesso de grandes lutas sociais, com boa parte das direções cooptadas pelo espectro do governismo, estamos diante da possibilidade de um novo ciclo. E este ciclo apenas começa.

No ano de 2011, fatores importantes se combinam numa escala veloz, afetando o humor

do movimento de massas. O corte orçamentário de 50 bi, em seguida à crise que derrubou Palocci, trouxe o governo federal para uma situação incômoda. De outra parte, o levante dos operários das obras do PAC foi explosivo e massivo. Após o “levante de Jirau”, ocorreram greves parciais da construção civil, de professores, de servidores da justiça, a greve de um mês dos metalúrgicos da Volks do Paraná, de Ferroviários e Condutores do ABC paulista. A tensão no campo também aumenta.

Depois de anos represada, a luta social ganha uma janela para se desenvolver, ganha terreno no pensamento crítico. Ainda é cedo para afirmar que a estamos numa nova correlação de forças, contudo a dinâmica é de abertura de um ciclo com mais protestos, mais conflitos. O segundo semestre poderá assistir a novas campanhas salariais. Os militares vão seguir reivindicando seus direitos e salários em vários estados do país. A juventude pode ser outro setor que acompanhe e supere esta dinâmica.

A luta dos bombeiros abriu um processo. A passeata de dezenas de milhares em Copacabana mostrou que não se tratava apenas de solidariedade reativa. Foi realmente um marco, um rio vermelho.

Um futuro por construir

Ainda que mantenha certa popularidade, Cabral sai arranhado deste episódio. O apoio do PSOL, através de seus dois parlamentares estaduais, Marcelo Freixo e Janira Rocha, foi muito importante. Em meio a uma mudança de conjuntura, o Partido e suas lideranças experimentam a construção de um pólo alternativo para lutar por outra política. Apresentar uma visão de um “outro Rio”, o Rio pintado de vermelho, ao lado das lutas, dos setores críticos, da intelectualidade combativa, das camadas médias, enfim, organizar um amplo movimento político que dê vazão ao novo processo que nasce. Certamente teremos novos capítulos pela frente.

O projeto de hegemonia que tem no Rio sua versão mais bem acabada sentiu o primeiro golpe, é insuficiente ainda, mas histórico e grandioso. O método de contestação nas ruas volta com força e, dessa vez, o exemplo é vermelho.

Cabo Souza

“O ser humano... é muito solidário quando vê outro ser humano sofrendo. Mesmo que a sociedade tenha alguma inveja quando vê um outro ser humano se dando bem, ela é solidária quando vê um outro ser humano se dando mal.”

Como falar da dimensão alcançada pelo movimento deflagrado pelos bombeiros?

De fato, o movimento foi um marco, porque, até então, os militares não poderiam fazer uma passeata que seja, uma simples reunião nossa já é passível de ser punida. Tanto que a primeira passeata que nos fizemos, em Copacabana, no dia 17 de abril, foi a primeira vez que nós pusemos a cara. Antes disso, só tiveram uns poucos corajosos que falaram sozinhos, mas que ninguém apoiou, com medo de ser punido. E esses corajosos foram punidos, como o sargento Valdelei, que já tinha colocado a farda de bombeiro e filmado para o youtube, foi punido. Antes dele, o capitão Lauro Botto, alguns anos antes, também fez um movimento. Fez sozinho, porque tínhamos medo ser punidos... e ele também ficou preso. Desta vez, a coisa chegou a tal ponto que as reuniões começaram a ser organizadas nos quartéis, especialmente as dos guarda-vidas. O Dacilo já estava indo para essas reuniões e culminamos na primeira passeata do dia 17 de abril, tinha ainda muitos poucos guarda-vidas, menos de 100. E enquanto eles estavam ali caminhando, estavam tirando foto do pessoal. Tinha B2. Então, por causa dessas fotos, 36 guarda-vidas que trabalhavam na praia começaram a ser transferidos para Caxias, Campo Grande, o que começou a provocar um esvaziamento da praia. Após um mês de tentativas de conversar com o governador, fomos ao Palácio do Catete. Ele faltou à reunião. Fomos à Alerj... Nosso coronel também não queria nos ouvir. Quando vimos que esses 36 guarda-vidas foram de fato tirados da praia, não vimos outra alternativa do que fazer nossa primeira greve. A primeira greve que já existiu em toda a história do corpo



de Bombeiros, e, no entanto, a gente percebeu que determinadas mídias, a maioria delas, não contava a história inteira.

Se marcou aquela reunião pro dia 3 ou para comemorar a vitória ou para continuar o movimento. Então, no dia 3, tinha muita gente ali: bombeiros de Itaperuna, Cabo Frio, Barra Mansa, Nova Friburgo. Enfim, a sociedade já começava a chegar devagar, os estudantes... e ai, naquele momento do dia 3, outras autoridades ficaram de ir ali e não foram. O bispo iria também e não foi. O Lindberg disse que iria também e não foi. O que a gente vai fazer agora... Estávamos ali com nossas mulheres, nossas crianças. Não havia intenção de guerrear. Então nós entramos no Quartel Central

porque é a nossa casa. É nosso o direito de entrar, errado foi quem tentou fechar o portão. Naquele momento nós entramos ali como nosso último recurso para tentar ser ouvido e falamos que só iríamos sair dali quando chegasse o Governador para negociar. E, ao invés de ir lá, mandou a tropa de choque para invadir. O Batalhão de Choque foi muito honesto. Eles foram seres humanos naquele momento e se negaram a invadir. Ai ele mandou o BOPE entrar, o Bope que ganha uma gratificação de 1500 reais a mais do que o bombeiro ganha como salário. O Bope ganha como gratificação um valor maior, então não sei se ele ouviu, ou o que ele ouviu no momento... aquela coisa de ouvir mais o salário dele, de não perder a gratificação... Enfim, então eles entraram com fuzil, tacando bomba de gás. Enquanto isso, nós estávamos com nossa mangueira, tentando evitar a entrada deles. Foi dito pela mídia que nós impedimos um socorro de sair. Não é verdade! A verdade da nossa visão dali de dentro, naquele momento, é que tinha um monte de carros do BOPE, em todas as portas, para entrar na manhã seguinte. No dia 4 de junho, às 6h15 da manhã aproximadamente, a gente percebeu que, por onde saísse aquele caminhão do bombeiro, entraria o BOPE. E mais ou menos foi assim que aconteceu. Uma manobra, na verdade! O que a mídia coloca? A Globo, que por muito tempo esteve junto com as idéias do Sergio Cabral, só mudou mesmo quando a sociedade chegou em massa. Ai, ela viu que não tinha mais o que fazer, começou a negociar e a falar um pouco dos dois lados, ser menos parcial! A Globo colocava isso, que nós impedimos o socorro de sair, que nós invadimos o quartel... Não só ela, como outras mídias,

também. O próprio O Dia também colocou dessa forma. O Pimentel, que é representante da PM, nos defendeu. A única palavra que ele coloca que eu não concordo é do invadir. Ele coloca: “os Bombeiros invadiram”, “têm que ser punidos individualmente”, é só nisso que está o erro na fala dele, mas o tempo todo ele esta do nosso lado, concordando que nosso salário são realmente muito baixos, que, se nós tivéssemos sido ouvidos antes, nada disso teria acontecido.

Como tudo aconteceu?

O BOPE entrou ali com fuzil, dando tiro, tacando gás. Nós tínhamos ali, conosco, uma mulher grávida... a mãe de outro bombeiro também faleceu, quando soube que o BOPE chegou e pegou o filho dela... Isso não está sendo muito passado. A RECORD a chamou essa moça grávida, que perdeu o seu neném, e o resto da história é que os bombeiros foram levados, os 439, e isso foi bom porque deu mais fôlego para o movimento. Bom por um lado, porque de fato causou um problema psicológico nas crianças. Eu acompanhei, vi crianças do lado de fora chorando, vendo seus pais sendo presos. Mas mesmo com a mídia colocando isso dessa forma, com essa manipulação que a gente conhece, querendo criminalizar o seguimento e não o todo, dizendo que nós é que estávamos errados por fazer aquilo, ao invés de tentar entender o real motivo, mesmo assim nosso prestígio foi maior. Os sindicatos, que já conhecem o que é a mídia, não acreditaram naquilo que eles estavam dizendo, viram nossa luta. O pessoal que já é de luta até gostou. O movimento em frente à Alerj foi crescendo, enquanto os bombeiros estavam presos, e foi chegando professor, que também está numa condição terrível, com salário pior que o nosso. Também pararam, de greve, e se juntaram ao movimento, em solidariedade com a gente a também por essa condição horrível de receber menos de 700 reais. Então, estavam em frente à Alerj, os professores, os bombeiros, os policiais militares, os policiais civis, estudantes, sindicato, os cidadãos... Eu presenciei pessoas que não pertenciam a nada, chegando para ajudar. No próprio dia em que os bombeiros foram levados

lá para a corregedoria de Nova Iguaçu, eu vi lá um cara que estava passando de moto, parou e ajudou as famílias a entrar em contato. Houve uma adesão que foi linda de se ver. Teve, então, essa idéia de demonstrar essa adesão com fitas vermelhas, panos vermelhos, e isso virou um movimento imenso, casas, carros com fitas vermelhas. E isso foi muito bacana. Foi ai que todo mundo se rendeu, foi ai que a mídia percebeu que não adiantava ela falar, manipular, porque ela mesmo estaria se queimando. A sociedade inteira já estava com a gente. Foi ai que a gente conseguiu reverter isso politicamente. Até então eram presos muito mais políticos do que presos por estar indiciados por alguma coisa. A prisão foi política! Por diversas vezes foi tentado o habeas corpus e chegava na hora vinha um “dedinho” lá de cima e vetava. Nesse momento, eles viram que estava todo mundo a nosso favor, Bombeiros dos EUA pararam por uma hora em solidariedade com a agente. Bombeiros de outros estados, religiosos de todas as religiões.. judeus, pastores, católicos... No próprio dia da manifestação, que foi a maior que já existiu de cunho estadual, no domingo dia 12 de junho, eu fiquei sabendo que teve um padre da Igreja Santa Rita que não deu a missa como ele dá todos os dias as 10 horas da manhã, para que as pessoa fossem para o movimento. Isso eu achei muito bacana. Até porque ele é um padre bombeiro. Então, foi assim: no dia 12 foi o maior movimento que já existiu no estado do Rio de Janeiro de cunho estadual. Tivemos ali todos os representantes que eu já disse, clubes de moto, comunidades... O Rio ficou vermelho, foi muito bonito ver. Os políticos que estavam a nosso favor, o Chico Alencar, o Ciro Garcia, o pessoal do Conlutas, enfim, muita gente estava de fato lá, desde o inicio, nos apoiando. Na verdade, todo esse movimento social foi importante para que nós conseguíssemos a liberdade provisória no sábado. Não posso deixar de citar o Molón e os outros dois parlamentares... Se não fosse dada a liberdade, aconteceria uma revolução muito maior. E ele colocou isso lá, no seu pedido de liberdade provisória, que se não fosse dada a liberdade provisória aos bombeiros, iria acontecer uma revolução, estava próximo de acontecer uma revolução nacional, porque

outros militares de outros estados estavam aderindo à nossa causa. Mais ou menos, essa foi a história

Leandro, você falou dos contrastes. De um lado é triste de se ver, como o governo trata vidas humanas que salvam outras vidas. Por outro, essa solidariedade com os bombeiros, sobretudo aqui no Rio de Janeiro, palco de muitas tragédias naturais, mas sobretudo do descaso de alguns governos com a população em geral. Como você vê isso dos fuzis do BOPE, de um lado, e, do outro, as flores, as fitas vermelhas da população, levantando as reivindicações de vocês?

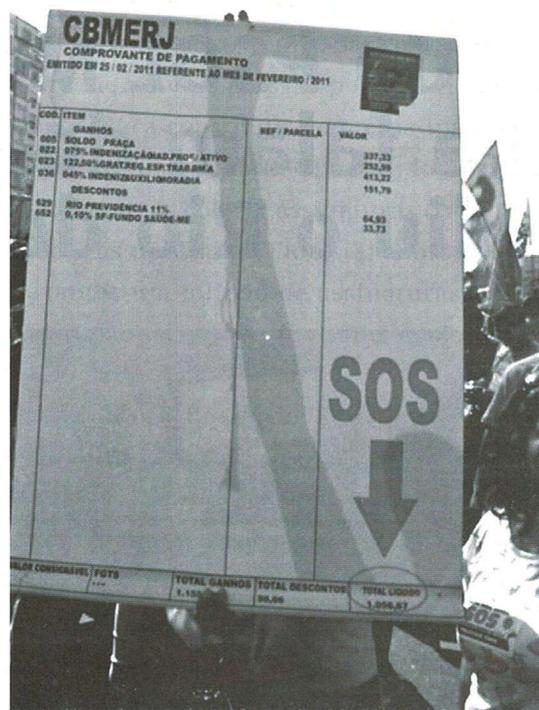
Eu resumo, de uma forma muito simples: a gente não vive em uma democracia. A gente vive na democracia teoricamente. A gente sabe que o voto de cabresto ainda existe. O próprio PRONACE que nós estamos recebendo, que é uma gratificação que nós queremos que acabe, porque elas são eleitoreiras, a Dilma colocou que vai continuar com as gratificações, ou seja, muita gente votou nela porque? Para continuar ganhando sua gratificação. O Serra não falou nada disso, dessa gratificação que nós ganhamos do PRONASCI. Enfim... isto faz parte do nosso pleito: acabar com essas gratificações, que são eleitoreiras, podem ser momentâneas. Queremos que isso vire salário, um salário digno, que de fato dê para viver, que seja justo e que nós tenhamos a dedicação exclusiva. Como eu disse, eu não posso ter uma outra matrícula. Como a gente pode ter só esse emprego? O que acontece é que todos têm os seus bicos. Não temos uma democracia, que se define pela soberania popular. Os nossos representantes e o governo deveriam estar primeiro tendo esse diálogo com a população, que não aconteceu com a gente nesses dois meses de tentativa. Essa nossa entrada no Quartel Central aconteceu simplesmente porque nós tentamos **conversar e não** conseguimos. Já começa por ai essa falha. Eu acredito no seguinte: para que nós de fato podéssemos dizer que vivemos em uma democracia, tinha que ter plebiscito todo mês. Todo mês a gente tinha que estar decidindo alguma coisa. A gente diz que vive em uma democracia desde 1984. Estamos em 2011. Quase 30 anos

depois, nós tivemos 2 plebiscitos em nossa história. O povo só decidiu duas coisas dos nossos rumos, duas vezes pelo desarmamento, da outra vez parlamentarismo, presidencialismo. Então, assim, esse é o grande problema. Não é nem o que o governador, da sua cabeça, decide. Na realidade o povo não decide nada! Nós só decidimos quem vai decidir pela gente.

Leandro, você já falou de certa forma disso, mas você tem condição de mensurar o tamanho histórico que os bombeiros tiveram?
No início do movimento, eu conseguia parar e olhar para aquelas pessoas na Alerj e falar para alguns companheiros: na verdade, a maior vitória nossa foi essa gente botar a cara, porque isso é uma coisa que começou com esse movimento e vai servir de legado para os próximos, porque o direito de você se manifestar sobre qualquer coisa que está errada, enfim, essa ditadura que a gente conseguiu, com esse movimento, quebrar bastante, claro que ainda existe, mas agente conseguiu quebrar bastante esse sistema de ditadura em que ainda vivem os militares, de viver em uma péssima condição e não poder falar, não poder nem se reunir. Você veja. Se no dia 17 de abril nós fomos fotografados porque estávamos caminhando, no final do movimento não tem mais ninguém fotografando... Já passou tanto disso, acredito que daqui para frente isso vai acabar. porque toda vez que alguém for fotografado, for punido, for transferido, isso vai voltar para a mídia. Já viram que, se fizerem de novo, a coisa vai crescer de novo. Então, eu acho que essa é a grande conquista nossa, a grande mudança para os militares.. Serviu de exemplo para as Forças Armadas. A primeira vez que teve na história do Rio, que teve um movimento que começou com os militares. Como eu disse, até então o medo era maior. Nós, quando entramos ali, somos doutrinados a obedecer. A gente entra ali e fica escutando de pé um dois, sentado um dois, fica levantando e sentando como em um processo mesmo de domesticação... Como diz o Foucault, de “adoçar” os corpos.

E agora,?

Nós não iríamos parar enquanto os bombeiros estivessem presos. Até o fato de vivermos nessa



ditadura mais do que outras classes, chegou a nos unir. Nós tínhamos nos abraçado, todo mundo antes, colocado ali no meio de uma oração que se um fosse preso todo mundo seria e quando chegou lá o comandante o nosso novo Comandante Geral, que já chegou com outro discurso, porque o governador viu que essa forma de agir, de nosso comandante não nos ouvir, não funcionou! Colocou outro comandante já com outro posicionamento, ele foi em todos os quartéis para nos ouvir, que é o que eu acredito que é uma liderança representativa e não ditatorial. Ele chegou lá e nós colocamos isso para ele, se o senhor está colocando que nos representa, coloca a verdade na mídia. Falamos para ele em um momento muito bonito: se esses bombeiros fossem punidos, se fossem para a rua, que todo mundo iria pedir demissão! E todos começaram a levantar a mão dizendo que também iria no 3º Gemar, de Copacabana. Essa união foi muito importante, primeiro, a partir da nossa união, para, depois, ir para união da sociedade.

Eu, na verdade, nunca curti muito o militarismo. Na verdade, muitos outros guarda-vidas queriam mesmo que o bombeiro deixasse de ser militar. Eu estou ali porque eu gosto muito de salvar vidas, amo a natureza. Nunca gostei de ter que cortar cabelo, ter que fazer barba, acho isso um saco. A verdade é essa. Eu entrei

ali pensando em um dia sair dali. E, hoje, depois de toda a nossa união, eu me sinto até mais bombeiro, até questiono minha vontade de sair dali um dia. Foi um movimento nosso muito do bem, de união, em nenhum momento a gente estava contra o Corpo de Bombeiro. A gente estava ali tentando salvar o Corpo de Bombeiro. Eu lembro até que, quando a gente voltou de nossa primeira greve, de uma semana, todo mundo ganhou um memorando. Memorando é, traduzindo, uma pergunta que a gente tem que responder por escrito. E a gente pode ser punido ou não. Perguntava porque a gente faltou ao serviço? E todo mundo colocou a mesma coisa: “estávamos salvando o Corpo de Bombeiros”. E, de fato, foi o que aconteceu. O Corpo de Bombeiros estava prestes a se quebrar. Para muitos Bombeiros, o Corpo de Bombeiros estava como seu 2º emprego. Eu, de certa forma, também, por mais que, quando eu estou ali, eu faça tudo com muita dedicação e muita responsabilidade. A gente não pode sobreviver com o que ganha ali, para começar. E isso entristece a gente. Acaba que a gente vai perdendo a vibração de estar ali. Esse movimento deu uma chama na gente, ascendeu novamente a chama de estar buscando nossos ideais, de tornar aquilo ali uma casa digna, de conseguir ter derrubado um coronel que não escutava a gente. Isso tudo, a nossa união... O ser humano tem uma qualidade: ele é muito solidário quando vê outro ser humano sofrendo. Mesmo que a sociedade tenha alguma inveja quando vê um outro ser humano se dando bem, ela é solidária quando vê um outro ser humano se dando mal. Essa chama que reacendeu na gente. Se você quiser mudar o mundo, você tem que mudar a si, começa arrumando o seu quarto. Partiu da gente essa união, de dentro da gente, e isso contaminou outros seguimentos. Isso foi colocado por outro segmentos de luta, professores, diversos outros. O SEPE colocou que nossa luta abriu as portas para que os professores pudessem entrar e levantar a cabeça novamente, ao invés de estar triste, de cabeça baixa com suas condições. Serviu para lembrar para vários seguimentos que devemos levantar a cabeça e lembrar que não devemos ser explorados!

Os deputados do PSOL Marcelo Freixo e Janira Rocha falam do movimento que sacudiu o Rio de Janeiro

Entrevistado: **Marcelo Freixo**

Como você avalia as ações do governo diante deste movimento? Houve erros?

Um desastre. Cometeram todos os erros. O governo agiu de forma autoritária e arrogante. O que antes era uma simples pauta salarial do Corpo de Bombeiros, hoje é uma luta que envolve toda a sociedade. O movimento começa no fim de março, com pouco mais de 30 guarda-vidas rondando a Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro e pedindo ajuda aos deputados, pois não conseguiam ser recebidos pelo Comandante da Corporação. Por muitas vezes, representantes do governo afirmaram que não negociariam com praças (cabos e soldados). Esse movimento cresceu de forma surpreendente e começou a ganhar forte simpatia da sociedade e de todos os outros servidores públicos. A ocupação do Quartel Central do Corpo de Bombeiros, na noite do dia 3 de junho, foi o marco mais importante dessa luta. Mais uma vez, o governo cometeu todos os erros. No lugar de enviar algum secretário que pudesse iniciar uma negociação e permitir um desfecho pacífico, fez opção pela ação do Batalhão de Operações Especiais (BOPE), que agiu com forte truculência contra os bombeiros, suas mulheres e seus filhos. Por pouco não registramos uma tragédia sem precedentes.

Você acha que esta é uma mancha no governo Sergio Cabral? Por quê?

Sem dúvida, esse episódio provoca grande desgaste na imagem do atual governo. O Corpo de Bombeiros é a instituição mais querida pela população. Não são poucas as crianças que guardam nos seus sonhos o desejo de serem bombeiros quando crescerem. No próprio governo Cabral, o Rio de Janeiro viveu dramas marcantes, como o deslizamento em Angra, no



Morro do Bumba e na tragédia da Região Serrana. Em todos esses momentos, os bombeiros foram protagonistas das imagens mais emocionantes que assistimos. São esses mesmos bombeiros que, lutando por melhores salários e condições dignas de trabalho, foram chamados de “vândalos” e “irresponsáveis” pelo governador do estado. A passeata de domingo, dia 12 de junho, em Copacabana, não deixou dúvida de que lado a população está. Mais de 70 mil pessoas se vestiram de vermelho e tomaram a orla. Panos vermelhos em todas as janelas e fitas vermelhas espalhadas pela maioria dos carros na cidade. Difícil avistar um táxi que não venha com uma fita vermelha tremulando ao vento. O governo balançou.

As reivindicações são justas?

A proposta original era a elevação do piso salarial de R\$ 950,00 para R\$ 2.000 e a garantia do vale transporte. O Rio de Janeiro tem o pior piso líquido do Brasil. As condições de trabalho também são aviltantes. Os guarda-vidas, que trabalham por toda a orla, não recebem, com regularidade, protetor solar e nem todos possuem nadadeiras para efetivar um salvamento se necessário. As péssimas condições de trabalho também atingem os bombeiros que trabalham nos aeroportos, pois nem as suas lanchas estão em condições de uso. O governo gasta com despesa de pessoal apenas 27% de sua receita líquida. O limite prudencial diante da lei de responsabilidade fiscal é de 46%. Isso significa que, no último ano, o Rio deixou de gastar 7 bilhões de reais com seus servidores. São Paulo gasta 38% e Minas 31% de suas receitas líquidas com os servidores. Outro ponto importante diz respeito as isenções fiscais de grandes empresas. Nos últimos quatro anos do atual governo, o Rio cedeu 21 mil isenções fiscais, o que significou deixar de arrecadar 50 bilhões de reais. Essa artimanha fiscal acabou de ser considerada ilegal pelo Supremo Tribunal Federal. Só a poluente Companhia Siderúrgica do Atlântico deixou de pagar aos cofres públicos do Rio 650 milhões de reais. Sendo assim, podemos concluir que a gentileza que o governo Cabral oferece ao capital privado é diretamente proporcional a truculência com que trata os servidores.

Marcelo, o movimento dos bombeiros é um marco histórico para o Rio e para o Brasil.

O que muda depois deste movimento?

Os bombeiros estão servindo de exemplo para muitos cariocas. A capacidade de organização, a solidariedade entre eles, o diálogo com outras categorias, a integração com a sociedade e, principalmente, a coragem para enfrentar as ameaças do governo não serão esquecidos. Há

tempos não víamos no Rio de Janeiro um movimento de tamanha expressão. Ainda é cedo para saber se esse movimento se tornará nacional. Neste momento ainda vivemos a incerteza do que vai acontecer aqui no Rio. Hoje, tão importante quanto a luta salarial, vivemos a necessidade de conseguir a anistia para todos os 429 bombeiros presos no episódio da ocupação do quartel. Nenhum bombeiro aceitará qualquer aumento ao preço da demissão de um colega. A mobilização em prol da anistia pode acirrar o movimento no Rio e facilitar sua ampliação por todo o território nacional. As semanas finais do mês de junho serão decisivas.

No relatório da CPI das Milícias você defendeu o desarmamento dos bombeiros. Foi difícil fazer este debate no movimento dos bombeiros? Quais foram as dificuldades? Como eles encararam isso?

O Brasil talvez seja o único país no mundo, onde os bombeiros são militares. Na maioria dos países, realizam o trabalho da Defesa Civil, fora da esfera da Segurança Pública. O grande problema da militarização do Corpo de Bombeiros é que, por serem militares, passam a ter porte de arma. Em nenhuma circunstância o bombeiro, para realizar o seu serviço, necessita de uma arma. Os bombeiros só usam suas armas quando não trabalham como bombeiros. O achatamento salarial e as péssimas condições de trabalho fazem com que os bombeiros utilizem suas armas para realizar o que aqui chamamos de “bico”, ou seja, o serviço de segurança privada clandestina. Essa é a grande razão para a forte resistência à desmilitarização. Agora não é hora desse debate, pois temos que garantir a anistia e as conquistas salariais.

Você e a deputada Janira Rocha tiveram uma ação destacada. Qual foi a importância do PSOL e da bancada do partido nesta luta?

A deputada Janira Rocha só surpreendeu aqueles que não a conheciam. Hoje é a deputada com maior identidade junto à tropa. Nada mais justo. O PSOL teve um papel importante no diálogo entre a tropa e a Assembleia Legislativa. Tivemos a capacidade de compreender que essa não seria uma luta partidária e sim algo muito



mais amplo. Buscamos diálogo com outros parlamentares dos mais diversos partidos e contribuimos, de forma decisiva, para a formação de um bloco de apoio à luta dos bombeiros.

Você é historiador de formação. Dá pra medir a dimensão histórica do que está acontecendo no Rio de Janeiro?

É difícil fazer essa avaliação vivendo o momento intenso dessa luta. Ainda não foi possível olhar com distanciamento para o que está acontecendo. Na verdade nem sabemos ao certo onde isso tudo vai parar. Se conquistarmos a anistia, melhores salários e condições dignas de trabalho, sem dúvida, estaremos diante de uma das maiores vitórias de um movimento social na história do Rio de Janeiro. O mais incrível é que isso terá vindo de onde menos esperávamos, de uma categoria militar, com seus códigos de conduta oriundos da ditadura. Sempre sonhei com um movimento social forte e que fizesse o Rio ficar vermelho. Nunca imaginei que isso fosse feito pelo Corpo de Bombeiros. Parabéns a essa tropa que, agora mais do que nunca, vai alimentar o sonho futuro de muitas crianças. Como eles dizem: “nenhum passo daremos atrás”.

Entrevistada: **Janira Rocha**

Janira, como começou o movimento e como você estabeleceu contato com os bombeiros?

Na verdade eu estabeleci contato através do twitter. Eles começaram a pedir pelo twitter que os deputados apoiassem a luta deles e informando as atividades. Eu, na verdade, entrei na primeira manifestação em que fui. Foi quando o Cabral estava com a Dilma no Teatro Municipal e eles (os bombeiros) fizeram uma manifestação na frente do teatro. Eu me lembro que estava chovendo demais. Comecei a participar. Até então eu não conhecia ninguém. Trocava muito twitter, muito email, tudo pela internet.

A partir de que momento você percebeu que o governo não iria negociar e que o movimento iria se radicalizar?

Bom (risos), antes mesmo de entrar no movimento, eu sabia que o governo não iria negociar. E, na medida em que eu fui conhecendo o movimento, enfim... Na verdade, eu não achava que o movimento iria se radicalizar, até porque, todas as manifestações deles, eles colocam muito isso, que é uma manifestação tranquila, pacífica, ordeira, e eles têm um elemento religioso bastante forte. Não exatamente religioso, mas uma mística. Eles têm uma mística espiritual. Religioso seria se fosse evangélico ou católico ou outra religião. Eles constituíram uma unidade muito forte através das orações.

Então, não é uma característica de um movimento violento. Muito pelo contrário, sempre nas atividades deles, chamavam familiares, crianças. Então, não tinha uma característica de um movimento violento. O que eu acho que existe é que as condições objetivas deles são muito violentas. É uma corporação, um grupo, de pessoas que estão sempre muito no limite para salvar a vida de outras pessoas. São pessoas que arriscam suas vidas para salvar a vida de outras pessoas. Têm um grau de doação muito grande.

Essa contradição começou a ser muito forte. E esta contradição começou a fazer uma cobrança a eles mesmos. O que radicalizou o movimento não foi a intenção. Pelo contrário, eles tinham intenções pacíficas, a todo o momento eles demonstram isso. Eles continuaram salvando as vidas nas praia,

continuaram apagando os incêndios, continuaram dentro das UPAS prestando socorro., Em nenhum momento deste processo eles negaram o trabalho deles à população. Eles se mantiveram firmes ali. Eles se mobilizaram através das folgas.

Então, a radicalização não veio de uma intenção política. A radicalização veio de condições materiais, objetivas.

Como foi o episódio da invasão do Bope ao Quartel Central e quem estava lá?

Na verdade, esse processo começou com as primeiras prisões, ordens de prisão que tinham acontecido quinze dias antes. Houve ordens de prisão para os dirigentes do movimento. Essas pessoas foram presas. Depois houve um processo de negociação na Assembleia Legislativa.

Por iniciativa da ALERJ, nós deixamos um canal, tentamos construir um canal paralelo entre o movimento e o governo. A posição do governo era de se fechar, de não patrocinar nada, Existia um esforço paralelo dos deputados para achar uma forma de ter os recursos, para poder chegar às reivindicações, mas isso não era uma posição oficial do governo, era uma posição da casa. O dia 3 era para ser um ato ecumênico. Tanto é que foram chamadas várias personalidades, vários deputados, senadores, dos diferentes partidos. Houve um comentário por uma repórter, de que nesse dia a Dilma estaria aqui, no Rio, com o Sérgio Cabral, e que o governador teria sido abordado por uma repórter que comentou que “os bombeiros estavam na rua caminhando”, e perguntou o que ele faria a respeito? Ele disse, então, desrespeitosamente, que “caminhar fazia bem a saúde” e que os bombeiros continuassem caminhando. Isso desembocou no processo de manifestação que acabou indo ao quartel.

Nesse dia, eles foram decididos a falar com o comandante deles, comandante Pedro. Chegando lá, o comandante não apareceu, as pessoas estavam com os ânimos radicalizados em função dos comentários do governador e lá no meio começaram a pressionar a própria direção do movimento “ocupa, ocupa, ocupa”. E aí então se ocupou.

O choque se recusou a reprimir?

É, a polícia saiu da frente, eles entraram, foram lá pra dentro quase 5 mil pessoas. As imagens

na televisão mostram isso. E entraram com as esposas, com os filhos, sem nenhuma intenção violenta. Voltaram para casa. É, tinham ali como sua casa, seu quartel. Durante essa etapa, no momento em que estavam lá dentro, a indicação deles era que o comandante do Corpo de Bombeiros aparecesse para conversar com eles, o que em nenhum momento aconteceu. O desgraçado do comandante caiu, mas não conversou com a tropa. Então, lá dentro, foi isso que aconteceu. E aí começou um processo de pressão vindo de fora, do comando exigindo que eles desocupassem o quartel. Eles diziam que não, que o quartel era deles, era a casa deles, que só sairiam se conversassem com o comandante deles. O comandante não apareceu. Algumas pessoas se desmobilizaram, foram indo embora, até que à noite, as ameaças começaram a ser mais graves. A Polícia Militar, sob o comando do comandante Mario Sergio, fechou as portas, colocou caveirões do lado de fora. Eles colocaram, então, os caminhões do Corpo de Bombeiros do lado de dentro, para evitar a entrada dos caveirões. Ali começou um processo de tensão, até que o Bope invadiu pela parte de trás, já atirando, já jogando bomba, dando tiro de bala de borracha, tiro de fuzil. Foram dados muitos tiros de arma letal. Vimos vários carros perfurados, paredes furadas.

Teve também a contradição das próprias tropas, porque o contingente do choque, que estava lá dentro para fazer a desocupação, se recusou. Vários policiais do choque foram presos porque se recusaram a prender e jogar bomba e a dar tiro em cima das pessoas. Mesmo no Bope, que é uma tropa letal, houve muita gente do Bope chorando, teve muita confusão, os bombeiros que estavam de serviço, os oficiais que estavam lá dentro fardados entraram também na frente do Bope para não permitir que eles continuassem atirando sobre as mulheres, sobre as crianças. Teve um setor do Bope que jogou bomba em cima de criança. Isso fez com que os próprios oficiais bombeiros que estavam no quartel fardados entrassem na frente, não permitindo que o Bope continuasse. Eu vi gente do Bope atirando em cima de liderança!

Na verdade, esses 439 são verdadeiros heróis! Porque muitas pessoas saíram, por terem levado tiros, por não aguentar o gás lacrimogêneo...

Tinha um outro tipo de gás que fazia as pessoas vomitarem. Muita gente fugiu para fora do quartel! Mas esses 439 ficaram, em nenhum momento recuaram! A confusão foi tão grande lá dentro que o choque teve que abaixar os escudos, teve que parar. O comandante Mário Sergio teve que me buscar de novo para negociar com ele, porque os 439 não iriam sair! Podiam atirar no peito, diziam, não iriam sair!

Depois de muita emoção de todos eles, definiram que só sairiam como homens, se eles pudessem formar enquanto tropa cantando o hino da corporação. Cantaram, então, o Hino Nacional, dando uma volta dentro do quartel. Depois, o cabo Daciolo passou a tropa para o comandante Mário Sergio e foi algo muito emocionante! Saíram como militares. Eles se renderam enquanto tropa. O comandante Mário Sergio teve que bater continência para o cabo Daciolo, teve que bater continência para a tropa, recebê-los enquanto tropa. E foi assim que eles foram presos. Algo realmente muito emocionante, muito sério! Não teve ninguém no quartel esse dia que não chorasse. Pena que não tinham mais testemunhas... e isso aqui eu recolhi lá dentro, pra mostrar em casa, para mostrar para a imprensa (referindo-se a vestígios de bomba e cápsulas de fuzil em suas mãos). Aquela ação foi algo muito violento, agressivo, desproporcional. Realmente foi um milagre que hoje não tenhamos uns 10 mortos! Eu não sei te dizer como. Eu estava lá dentro, vi tiros passar perto de mim, vi gente do Bope atirando em cima do Valdelei, que é uns dos dirigentes. Eu não sei explicar como não tem 10 mortos pelo menos. É só olhar no site do SOS Bombeiros e ver as filmagens que eles conseguiram fazer, que gente lá de dentro fez depois.

Eles se organizam de forma diferente. Não têm experiência sindical, se organizam de uma outra forma, que percebemos ser algo novo. Você notou essa diferença, como é isso? Você acha que tem a ver com o fato de ser militares, a questão da disciplina, que eles têm?

Tem a ver com a disciplina, mas não tem a ver com a hierarquia. Porque o dirigente desse movimento é um cabo

O grande elemento diferenciador deles é a mística. Somaram conosco. pessoas do movimento

social. Smaram com a política. Juntou a disciplina, a mística que eles têm, que eu só conheço igual no movimento dos trabalhadores sem terra. Eles têm uma mística muito próxima dos trabalhadores sem terra.

O bombeiro é incontestável. Não existe um prédio, não existe uma estrutura burocrática entre a população e o bombeiro. O bombeiro é a vida. Arrisca a própria vida por isso. O caráter do serviço que ele presta, o grau de doação que ele tem que ter para prestar esse serviço com o risco da própria vida, a mística, a disciplina... Ai juntou com um elemento de política e o “negócio” ficou bom!

Nas respostas anteriores isso já foi parcialmente respondido, mas gostaria de insistir, você se tornou uma das principais parlamentares do movimento.

Você acha que isso se deu por quê?

Eu acho que é porque eu não fui parlamentar no sentido da palavra parlamentar. O parlamentar é o cara que chega de salto alto, faz um discurso, bate um pouco nas costas das pessoas vai embora e depois espera ser acionado dentro da Alerj, espera apresentar alguma proposta, votar alguma coisa a favor... mas o parlamentar geralmente não enfia a “mão” na lama. O parlamentar é mais superestrutural. Como eu sou uma parlamentar do movimento sindical e do movimento social, eu não sei fazer isso. Eu ainda não aprendi e espero não aprender. Me convidam para uma mobilização. Quando eu chego na mobilização a minha cabeça começa funcionar como se eu fosse dirigente daquela luta. Então, quando eu chego ali, eu vou mapeando aquilo que vejo como debilidade e ai vou me aproximo das lideranças e começo a trocar com elas. Entro no quartel, entro na frente das bombas e enfio o dedo na cara do coronel, coloco toda a minha estrutura, dou meu tempo, choro junto, sorrio junto, abraço,. como no mesmo prato. Eu viro companheiro: “é deputada mas é companheira”, diz parte da tropa. Eles dizem que eu sou a 440, eles me chamam de 440. Eles veem uma mulher, uma deputada que normalmente estaria de salto alto, e eles passam a respeitar por ver quem esta junto, que esta ombro a ombro com eles.



Qual foi o papel das esposas no movimento?

Muitas mulheres ficaram lá dentro do quartel. Muitas mulheres foram presas com seus maridos. elas inclusive se coloram como escudo. Eu vi mulher, assim, na hora mesmo que o Bope estava entrando, fazendo um escudo de mulheres no portão dianteiro. É que eles entraram por trás. As mulheres se propuseram, se colocaram na frente! Na hora que muitos homens saíam presos, elas davam o braço e iam junto, a PM querendo separar. Estiveram presentes, tiveram um papel fundamental.

Com a libertação dos bombeiros e a passeata gigantesca de Copacabana, qual são os próximos passos do movimento?

Eles reafirmaram suas reivindicações: piso líquido de R\$2. 000,00, vale transporte, anistia tanto criminal, quanto administrativa. Em

Copacabana, havia mais de 100 mil pessoas. Não era uma mobilização de bombeiros, de professores e da saúde, como a imprensa quer passar. Era o povo carioca, o metrô largava gente de vermelho, todas as janelas das orlas tinham lá o pano vermelho de apoio. A última mobilização como essa que eu vi foi o dia de preto do Fora Collor

O Rio de Janeiro é o estado da Copa e das Olimpíadas e tem um crescimento acima da média nacional. O que muda no estado e no Brasil depois desse movimento?

Qual sua importância histórica?

Uma das coisas que esta sendo muito falada é de que o Rio de Janeiro é a ponta de um processo de crescimento econômico que é alardeado pelo governo e saudado pelos organismos internacionais por estar conseguindo cumprir esse papel de superar uma crise, que não é brasileira, é uma crise econômica mundial, mas o Brasil passou por essa crise e conseguiu ser uma referência na América Latina, e busca, está atraindo investimentos internacionais do vulto para esses megaeventos internacionais. Mas, mais do que isso, significa 60 bilhões de reais nos próximos 6 anos. Mas o Rio hoje conta com investimentos como a CSA, o complexo do Açu, vários empreendimentos econômicos na ordem de 380 bilhões de reais. Então, hoje, o Rio é a ponta de desenvolvimento do capitalismo brasileiro. Isso é feito sob a forma de um pacto federativo entre os governos federal, estadual e municipais, os três poderes, a grande imprensa, o conjunto das instituições. Mesmo do ponto de vista da política, eleitoralmente falando da Heloisa não ter vindo candidata, o fato da Marina ter vindo com um programa mais conservador, teve 20% dos votos, acabou se tornando uma referência, uma alternativa, mas, do ponto de vista da política, não rompe significativamente com isso. Os bombeiros fizeram isso. Ao colocar a população na rua pra dizer para esse projeto: “peraí”, não é assim tão monolítico, tem que distribuir alguma coisa!

Eles mostram para todo o movimento social que esse bloco não é tão intocável quanto se pensa. O Rio de Janeiro não é qualquer estado, é a ponta de lança de um novo bloco e os bombeiros estão mostrando que existe espaço político para mudar essa situação.

De braços dados com a exigências de melhorias nas condições de trabalho e do atendimento à população

“Precisamos organizar grandes lutas nacionais para que a riqueza produzida pelos trabalhadores seja utilizada na garantia de direitos como saúde, educação, moradia, transporte e emprego.”

Entrevista: **Beatriz Lugão, professora e diretora do SEPE**

Você tem grande experiência no movimento de profissionais da educação.

Qual foi a última vez que assistimos a algo desse tipo no RJ? Qual é a dimensão desse movimento para os trabalhadores e servidores do Rio de Janeiro?

Beatriz Lugão: Tento lembrar os inúmeros atos e ocupações que a educação fez ao longo desses anos. Ocupamos a Alerj, o palácio Guanabara, a Seeduc, a Câmara de Vereadores, acampamos por mais de uma semana na Rua das Laranjeiras, nas escadarias do Palácio Guanabara, fizemos assembleias com 20 mil professores no Maracanzinho. Mas, talvez, um paralelo com o movimento dos bombeiros, pelo que significa, já que são militares, acho que poderia ser feito com a greve da categoria em 1979. Não participei desse movimento, pois não era professora ainda. Foi um movimento inédito, por ser a primeira greve do setor no governo Chagas Freitas, ainda sob a ditadura militar. Lideranças do Sepe foram presas e o sindicato teve suas portas lacradas. Só reabrindo em 1983. A partir daí, a organização de nossa categoria só cresceu e conquistamos o direito de sindicalização na Constituição Federal.

O movimento dos bombeiros teve manifestação de solidariedade ativa de diversas categorias, os profissionais da educação deflagraram greve e tiveram participação no movimento. O que muda em relação ao funcionalismo depois desse movimento?



Beatriz Lugão: O movimento dos bombeiros é importante para mudar a lógica do Governo Cabral de não negociar. Isso ajuda a luta de todos os setores do funcionalismo público. Também coloca em cheque a militarização da corporação e a política do Cabral de substituição do pessoal do SAMU pelos bombeiros. Essa discussão aflora em todos os segmentos que apoiam essa luta. Com certeza os bombeiros não serão os mesmos depois desse movimento. Nem a polícia militar, nem os outros segmentos do funcionalismo. Podemos resgatar o Movimento Unificado dos Servidores Públicos Estaduais, o MUSPE, de forma mais sólida e amadurecida. O imenso apoio que a população deu ao bombeiros é resultado dos serviços prestados pela corporação, em particular nesses últimos 3 anos. A atuação dos bombeiros no resgate das vítimas das tragédias de Angra, Niterói/São Gonçalo e Região Serrana está fortemente marcada nos corações e mentes da população. Isso prova mais uma vez que o funcionalismo público, em particular os setores da saúde e da

educação, tem no povo do Estado do Rio seu principal aliado. Nossas reivindicações salariais devem andar de braços dados com a exigências de melhorias nas condições de trabalho e do atendimento à população.

Você acha que essa unidade dos servidores ganha mais força e, a partir desta demonstração, pode repercutir no movimento sindical em nível nacional?

Beatriz Lugão: Todo Brasil assistiu atônito à prisão de 439 trabalhadores. A solidariedade se estendeu a outros estados e tivemos a presença de parlamentares, lideranças sindicais, artistas, enfim, um amplo leque de apoio fora do estado do Rio. Tudo acontecendo no mesmo momento em que diversos setores no país inteiro se mobilizam e fazem greve. Mas é necessário que essas greves se articulem para ter chances reais de mudar a política de destinar a maior parte do orçamento do país, dos estados e dos municípios para pagamento da dívida. Hoje o orçamento nacional prevê 44,93% (635 bilhões) para pagamento de juros e amortização da dívida. Essa lógica se repete nos estados e municípios. Precisamos organizar grandes lutas nacionais para que a riqueza produzida pelos trabalhadores seja utilizada na garantia de direitos como saúde, educação, moradia, transporte e emprego. Os educadores organizam hoje um movimento nacional em defesa da aplicação de 10% do PIB. O movimento sindical combativo precisa sair da pulverização em que se encontra hoje para ser capaz de levantar essas bandeiras. Acho que o movimento dos bombeiros pode ajudar na compreensão dessa necessidade de atuação em conjunto.

PUCRS: o renascimento do movimento estudantil democrático



PUCRS. Junho, 2011. Eleições para representantes da Universidade para o 52º Congresso da UNE (Conune). O DCE estava habilitado como comissão eleitoral. Quatro chapas inscritas e três impugnadas. Somente a chapa ligada a atual gestão fora aceita para a disputa dos 26 delegados da PUCRS para o Conune. Duas estudantes de duas chapas impedidas de participar foram solicitar esclarecimentos. Receberam xingamentos e empurrões dos membros do DCE. Foram literalmente escurraçadas da sede da entidade que deveria representá-las.

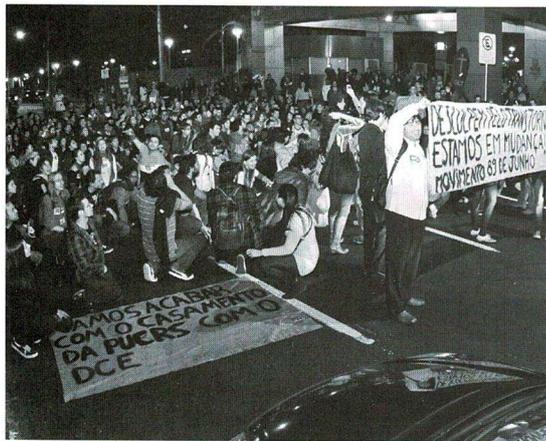
Neste mesmo dia, 8 de junho, 15 estudantes resolveram iniciar um acampamento em frente à sede do DCE. O protesto era para chamar a atenção para a nova fraude eleitoral estabelecida. Nesta noite começou a mudar a história do movimento estudantil da PUCRS, estagnado há muitos anos por uma verdadeira máfia estudantil.

#democraciarealja

Os ventos da democracia que varreram ditaduras no norte da África e que sacodem as praças e bairros espanhóis sopraram suas primeiras brisas no Brasil. Estamos diante da queda do Muro de Berlim desta Universidade. Após 20 anos, o DCE da PUCRS é controlado por um grupo político liderado pelo

vereador de Porto Alegre Mauro Zacher (PDT). Perpetuaram-se através de fraudes eleitorais, controle de Centros Acadêmicos, agressões e ameaças a oposição. A conivência da Reitoria da PUCRS foi um dos fatores determinantes que permitiram esta situação.

Após uma semana de intensas mobilizações, em que milhares de estudantes estiveram envolvidos, o Conselho Universitário da PUCRS, em reunião extraordinária e histórica, estabeleceu a seguinte resolução: “A Universidade deixará de reconhecer a legitimidade de representação da atual direção do DCE a partir de 01/12/2011, caso não seja realizada eleição para o Diretório Central dos Estudantes da PUCRS em novembro de 2011, com posse dos eleitos em 01/01/2012”.



Os estudantes que fizeram oposição durante as últimas duas décadas são todos responsáveis por esta conquista. Em 2004, oito dias de acampamento, brigas físicas, debates televisivos, intervenção judicial e policial, investigação da Assembleia Legislativa determinaram uma importante derrota da máfia. A contribuição compulsória para o DCE de R\$3,00 descontada no boleto de cobrança da mensalidade de todos os estudantes foi suspensa. A maior parte da fonte da receita que sustentava o grupo de Zacher secou.

Do dia 8 para 9 de junho

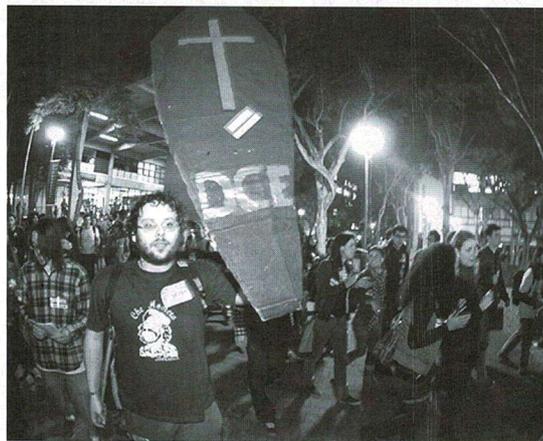
Desde então outras manifestações aconteceram, novos grupos de oposição se formaram. Porém, nenhum nestes anos obtiveram a representatividade que hoje possui o Movimento 89 de Junho. Esta nomenclatura foi criada, já que na noite de 8 para 9 de junho aconteceu a primeira noite da retomada dos protestos contra o DCE. Não à toa o dia do início do movimento se tornou o seu nome. Assim é na Tunísia o 25 de Janeiro, movimento dos que derrubaram o ex-ditador Ben Ali. Em Portugal, a Geração à Rasca construiu a maior marcha de jovens desde a Revolução dos Cravos de 1974, no último dia 12 de Março, criando assim o 12M. Já o 15M espanhol é alusivo ao dia 15 de Maio, data em que o movimento Democracia Real Ya iniciou o acampamento de uma semana na Praça Porta do Sol em Madrid. Uma nova leva de lutas que percorre o planeta. De maneira fragmentada, dispersa, mas que busca sua identidade comum. A democracia e a luta por outro futuro move povos do Magreb a Porto Alegre, passando pela Europa e pelos EUA.

Na PUCRS, o M89J acampou em frente ao DCE, realizou marchas de centenas de estudantes, trancaram a avenida Ipiranga por três oportunidades, provocaram a opinião pública, as autoridades e conseguiram descolar a Reitoria do DCE da PUCRS.

Com criatividade e irreverência, os estudantes do M89J aceleraram os tempos da história da PUCRS. Fizeram o funeral do DCE, Festa Junina em que aconteceu a “separação” na roça do DCE e da Reitoria, distribuíram milhares de panfletos na PUC e voltaram a fazer política nas salas de aula – atividades expressamente proibidas pela Reitoria.

“Quem não pula é da máfia”

Os estudantes do M89J souberam articular uma ampla rede de apoios. Desde o movimento estudantil com a pronta participação do DCE



da UFRGS, da UFCSPA, da FAPA, estudantes formados na PUCRS e tantos outros.

Vereadores de Porto Alegre como Fernanda Melchionna e Pedro Ruas do PSOL, a Presidente da Câmara Municipal Sofia Cavedon e Carlos Todeschini do PT, logo manifestaram apoio e se postularam como mediadores do impasse junto à Reitoria.

A bancada do PT na Assembleia Legislativa aprovou apoio ao movimento. A União Nacional dos Estudantes manifestou seu repúdio as agressões, que se repetiram no dia 15 de junho, dia da “eleição” organizada pelo DCE, que havia impugnado todas as chapas da oposição. As mesmas estudantes, Paola Piumato e Tábata Silveira, foram novamente agredidas, agora com mais violência pelos mesmos covardes do dia 8.



A Reitoria da PUCRS já não podia mais se calar. Até o Vaticano manifestou preocupação e deu respaldo à Reitoria. A Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República convocou a PUCRS a prestar esclarecimentos sobre as agressões.

O M89J nasceu, cresceu e se fortaleceu. Na nova eleição organizada para representantes para o 52º Conune, a chapa organizada por integrantes do movimento obteve 17 dos 26 representantes, mesmo em meio ao feriado de Corpus Christi e na semana final de provas do semestre, numa votação democrática com mais de 1500 votantes, algo que não era visto na PUCRS desde o fim dos anos 1980.

“Desculpem os transtornos: estamos em mudança”

Depois de tudo, os estudantes da PUCRS ainda tem muito pela frente. A eleição livre e democrática para o DCE ainda precisa ser definitivamente conquistada. Porém, os tempos já são outros. A máfia nunca esteve tão fragilizada. Estão em brigas internas no PDT, perderam o respaldo da Reitoria, respondem a processos administrativos sujeitos à expulsão da PUCRS, não tem base de apoio entre os colegas da Universidade, não possuem mais a articulação de outrora com torcidas organizadas para coagir a oposição. Estão na defensiva. Buscando fugir do último suspiro. Correm contra o tempo.

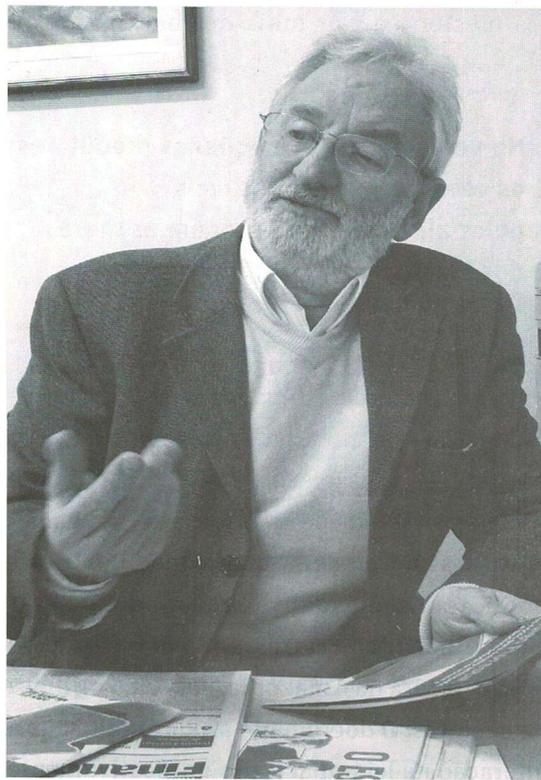
A derrota da máfia não é uma marcha linear e inexorável. O próximo semestre precisa ser de novos atos, de criatividade e muita disposição. É hora de transformar o M89J na força e na voz de milhares e milhares de outros estudantes da PUCRS. O melhor é que agora, já aprenderam o caminho difícil e necessário das transformações.

O projeto aprovado na Câmara é um modelo de desenvolvimento rural insustentável social e ambientalmente

Entrevistado: **Ivan Valente, deputado federal PSOL/SP**

Socialismo e Liberdade – Em maio, a Câmara dos Deputados aprovou o novo texto do Código Florestal, que agora está sendo debatido no Senado. Na sua avaliação, quais as consequências desta mudança aprovada na Câmara?

Ivan Valente – Caso as mudanças aprovadas na Câmara passem sem alteração pelo Senado e sejam sancionadas pela Presidenta Dilma, o país terá concedido uma verdadeira licença para desmatar. Somado à emenda 164, apresentada pelo PMDB, o relatório do deputado Aldo Rebelo, aprovado por 410 votos a 63, autoriza que a motosserra e os tratores avancem sobre as florestas. Por trás do discurso de apoio ao pequeno produtor rural, o texto aprovado



A questão é que, como o Brasil virou um grande exportador de commodities, com pouco valor agregado mas em alta no mercado externo, o agronegócio ganhou legitimidade na cúpula do poder ao trazer divisas para o país pagar os juros da dívida pública.

atende, na verdade, aos interesses do agronegócio exportador, e representará um verdadeiro retrocesso na proteção ao meio ambiente e ao futuro das gerações brasileiras. Daí a importância de ser barrado no Senado. A correlação de forças estabelecida no Congresso Nacional, no entanto, é desfavorável, com uma enorme bancada suprapartidária de fazendeiros defendendo seus interesses, também expressos por setores da grande mídia,

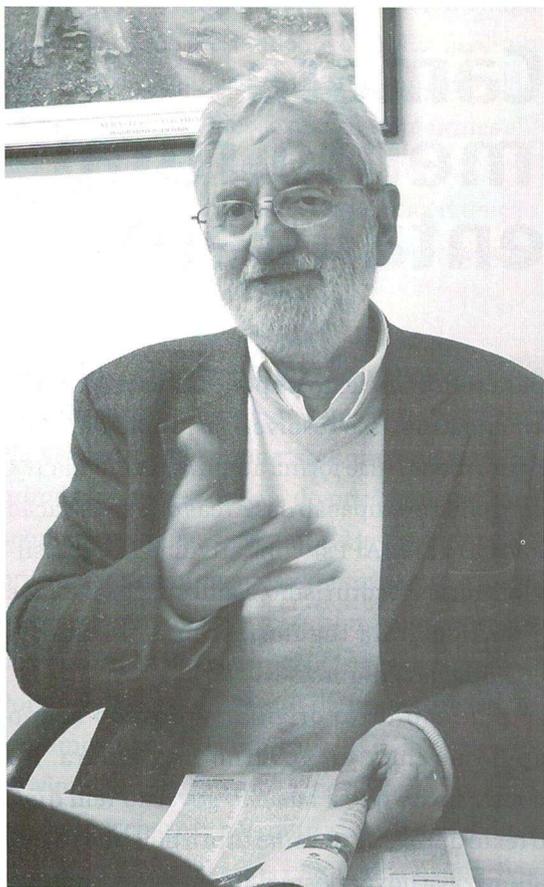
financiada por esses grupos. Basta olharmos o espaço concedido em artigos e entrevistas aos representantes da Confederação Nacional de Agricultura, em comparação com aquele dado aos que fazem um contraponto neste debate político. É esta mesma bancada que barra a votação da PEC do trabalho escravo, que impede as investigações da violência no campo e que aprovou a MP da grilagem de terras. Durante o debate na Câmara, houve deputados que falaram explicitamente que o Brasil não deveria ter áreas de Reserva Legal ou de Preservação Permanente. É um absurdo.

Socialismo e Liberdade – O relator do projeto na Comissão de Meio Ambiente do Senado, Jorge Viana (PT-AC), diz que a ideia é melhorar a proposta votada pela Câmara, e o governo federal deu declarações afirmando que vai trabalhar

para retirar do texto os pontos incluídos na emenda 164. Isso resolveria o problema?

Ivan Valente – De forma alguma. A emenda 164 consolida a ocupação das Áreas de Preservação Permanente (APPs) com atividades agrossilvipastoris e ecoturismo e autoriza os Estados a participar da regularização ambiental. A emenda, no entanto,

só piorou o texto original, aprovado com o apoio do líder do governo na Câmara. Ao contrário do que a base do governo tem dito, o texto aprovado, mesmo sem a emenda 164, já autorizava novos desmatamentos. Isso porque o relatório Aldo Rebelo permite o computo das áreas de Reserva Legal e APPs, ou seja, permite a somatória dessas áreas, reduzindo o total do que deveria ser preservado em cada propriedade. A área preservada que poderia ser, por exemplo, de 60% em uma propriedade, agora será no máximo de 25%. Não basta, portanto, alterar no Senado ou vetar apenas os trechos modificados pela emenda. A licença para desmatar está presente nos mais diferentes artigos do projeto aprovado na Câmara. É importante frisar que o governo federal entrou em cena na reta final do debate do Código Florestal na Câmara porque percebeu que haveria grandes desgastes internacionais para o Brasil diante do aumento do desmatamento que as mudanças trarão. A Presidenta Dilma assumiu em sua campanha que não sancionaria nenhuma lei que autorizasse a derrubada de florestas, e o Brasil sediará no próximo ano uma conferência internacional sobre meio ambiente, a Rio+20. No entanto, o governo demorou para agir e cedeu demais. Por isso, caso o projeto passe no Senado, é preciso cobrar com vigor da Presidenta Dilma que cumpra seu compromisso de campanha e não sancione o novo Código.



Socialismo e Liberdade – Há quem diga que o texto aprovado na Câmara piorou em alguns pontos o relatório inicialmente aprovado na Comissão Especial do Código Florestal, em 2010. Que pontos seriam esses?

Ivan Valente – São vários. O Ministério Público, por exemplo, não pode mais agir para estabelecer Termos de Ajustamento de Conduta (TAC) com os proprietários rurais em desconformidade com a legislação. Em vez de Termo de Ajustamento de Conduta, haverá agora um Termo de Adesão e Compromisso. Em relação às áreas desmatadas irregularmente, que pela lei atual devem ser embargadas, o texto insere a palavra “poderá” na atual obrigatoriedade de embargo. O acordo fragiliza ainda a proteção a terras indígenas e às unidades de conservação.

Socialismo e Liberdade – Depois da aprovação do novo Código na Câmara, o IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) divulgou um estudo avaliando os impactos do PL 1.876/99-C sobre as áreas de Reserva Legal no Brasil. Os resultados são alarmantes. O senhor acha que isso pode contribuir para o debate feito no Senado?

Ivan Valente – Esperamos que sim. A ciência infelizmente não foi ouvida pelos deputados; Aldo Rebelo chegou inclusive a debochar da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), acusando-os de direcionarem seu posicionamento contra o Código Florestal por supostamente serem financiados por organizações estrangeiras. É um acinte! O estudo do IPEA comprova que o novo Código Florestal irá mesmo causar mais desmatamentos e

Na verdade, são os pequenos produtores os verdadeiros responsáveis pelos alimentos que chegam às mesas dos brasileiros.

anistiar quem descumpriu a lei, comprometendo nossos recursos naturais e favorecendo os grandes proprietários de terra. Segundo o IPEA, a perda total de área de Reserva Legal relativa aos imóveis de até quatro módulos fiscais que ficarão isentos da averbação poderá chegar a 47 milhões de hectares. A maior parte dessa área ocorrerá na Amazônia, com 24,6 milhões de hectares. O documento ainda aponta que a alteração na lei impactará significativamente



sobre os compromissos assumidos pelo Brasil para redução de emissões de carbono. Gostaria de destacar ainda o estudo elaborado pela consultoria legislativa do Senado, que é taxativo ao afirmar que a proposta aprovada em maio na Câmara concede anistia a desmatadores ilegais, acaba na prática com as APPs, permite novos desmatamentos e deixa vulneráveis o Pantanal, a Amazônia Legal e áreas de mangues e restingas.

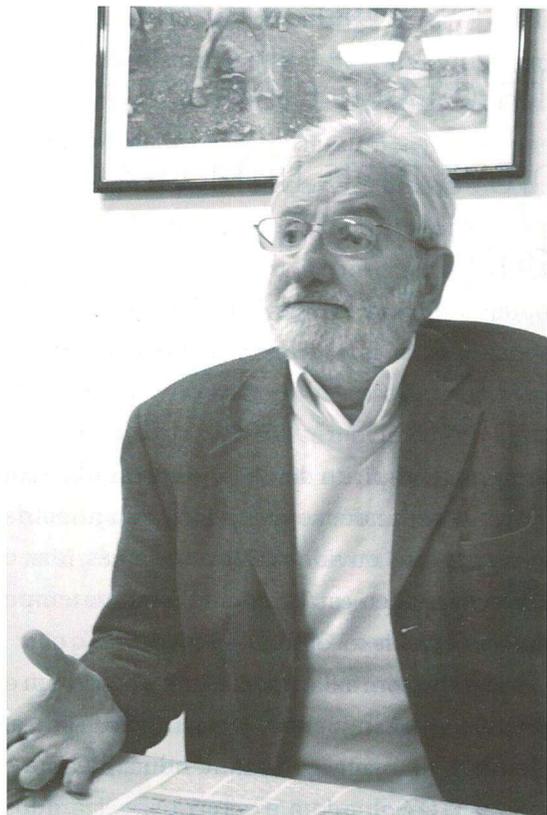
Socialismo e Liberdade – Os dados do INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) do desmatamento da Amazônia no mês de maio também mostram um alto crescimento das áreas devastadas. Em relação a maio de 2010, houve um aumento de 144% no ritmo da derrubada da floresta. O senhor acredita que isso está relacionado ao Código aprovado na Câmara?

Ivan Valente – Não há dúvidas disso. A área desmatada na Amazônia em maio foi de 268 Km² e no Mato Grosso, estado com maior ocorrência, de 93,7 km². É certo que as madeiras e o agronegócio já estão contanto com a possibilidade de anistia criada pelo no Código e transmitindo ao conjunto dos produtores a idéia de que novas infrações serão perdoadas. A tendência da taxa anual de desmate é, portanto, crescente, por conta deste clima de impunidade em vigor no país, sobre o qual os deputados que votaram a favor deste texto devem ser responsabilizados.

Socialismo e Liberdade – Uma pesquisa encomendada pelas organizações ambientalistas ao DataFolha revelou que 80% da população brasileira são contra as mudanças no Código Florestal. Como explicar tamanho descompasso entre o que quer a população brasileira e o voto de seus representantes na Câmara Federal?

Ivan Valente – Os números da pesquisa comprovam aquilo que já vínhamos sentindo nas ruas quando o debate sobre o Código Florestal ganhou visibilidade nacional. A população brasileira já compreendeu que preservar o meio ambiente, nossas florestas e nossa biodiversidade é uma questão estratégica para

o futuro do país e para o futuro das futuras gerações brasileiras. Sabe que esta é uma questão de interesse público, que não pode ser tratada de forma corporativista, como aconteceu na Câmara, onde a bancada ruralista votou de acordo com seus próprios interesses. Um levantamento divulgado pela imprensa revelou que 15 deputados e 3 senadores tem multas aplicadas pelo IBAMA e serão benefi-



ciários pela anistia aprovada no novo Código Florestal. Ou seja, o interesse público ficou longe deste debate.

Socialismo e Liberdade – Como o PSOL está se organizando para barrar essas mudanças no Congresso?

Ivan Valente – Nossos senadores em Brasília tem debatido muito o assunto com outros parlamentares, mostrando os equívocos do texto aprovado na Câmara. Há uma perspectiva de que alguma alteração seja feita no texto no Senado. Se isso acontecer, o projeto volta para discussão na Câmara e o debate público sobre o tema ganha tempo. É exatamente isso que não querem os ruralistas, porque sabem que, ao passo que a sociedade brasileira se

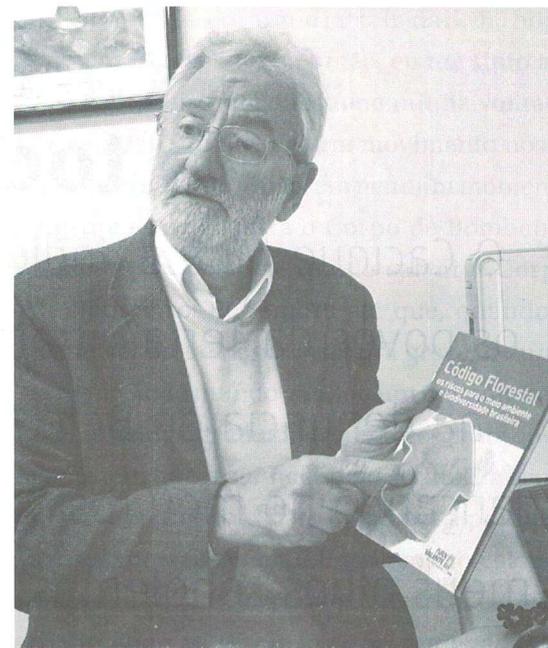
informa sobre a questão e as brutais consequências deste novo Código para nossa fauna e flora, aumenta a pressão popular contra o projeto. Para contribuir com essa informação da população, o PSOL tem ido às ruas em todo o país coletar assinaturas contra as mudanças no Código Florestal. Nossa meta é levantar um milhão de assinaturas. Mas, caso o texto seja aprovado e sancionado como está, o PSOL recorrerá ao Supremo Tribunal Federal. Na avaliação do Ministério Público Federal, há uma série de princípios constitucionais que estão sendo rasgados com o projeto de mudança do Código Florestal. Com base neles, o PSOL moverá uma Ação Direta de Inconstitucionalidade contra tais mudanças. Também defendemos a realização de um referendo nacional sobre o novo Código. O desenvolvimento sustentável e a preservação da biodiversidade são problemas de todos.

Socialismo e Liberdade – Deputado, o senhor também tem defendido que o tema do Código Florestal seja inserido numa discussão mais ampla, sobre um novo modelo agrícola e agrário para o país.

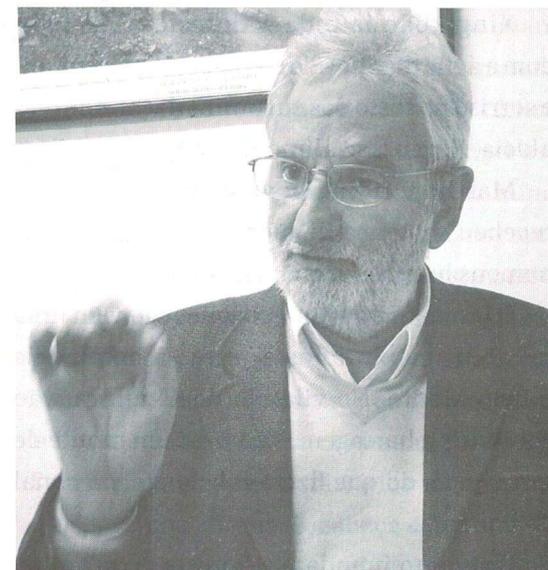
Ivan Valente – O modelo do agronegócio que saiu ganhando com o projeto aprovado na Câmara é um modelo de desenvolvimento rural que atende a uma política agrícola e agrária insustentável social e ambientalmente. E que tem como eixo central a devastação das florestas, a contaminação das águas e

Caso as mudanças aprovadas na Câmara passem sem alteração pelo Senado e sejam sancionadas pela Presidenta Dilma, o país terá concedido uma verdadeira licença para desmatar.

solos, a erosão, salinização e desertificação, e o uso excessivo de agrotóxicos. É uma política que emite mais gases de efeito estufa, gera menos empregos e, em matéria de produção agrícola para o país, não fica à frente dos pequenos produtores. A questão é que, como o Brasil virou um grande exportador de



commodities, com pouco valor agregado mas em alta no mercado externo, o agronegócio ganhou legitimidade na cúpula do poder ao trazer divisas para o país pagar os juros da dívida pública. Na verdade, são os pequenos produtores os verdadeiros responsáveis pelos alimentos que chegam às mesas dos brasileiros. Daí a importância de o governo auxiliar o pequeno produtor com compensação para sua sobrevivência e desenvolvimento para a agricultura com crédito, assistência técnica e outros estímulos. É preciso mudar a cultura política em vigor e promover o desenvolvimento tecnológico e o bem estar da humanidade em um ambiente saudável. Tudo isso põe em xeque a visão economicista e imediatista presente no projeto votado na Câmara.



Carta do Cacique Mutua a todos os povos da Terra

O Cacique Mutua, índio xavante, escreveu esta mensagem dirigida “a todos os povos da Terra”. Trata-se de um texto de rara beleza poética e ultra-eficaz na denúncia de Belo Monte. A missiva começa assim: “ O Sol me acordou dançando no meu rosto. Pela manhã, atravessou a palha da oca e brincou com meus olhos sonolentos”. Com ela, o cacique xavante prova mais uma vez que todo dia é dia do índio. Vale conferir.



O Sol me acordou dançando no meu rosto. Pela manhã, atravessou a palha da oca e brincou com meus olhos sonolentos.

O irmão Vento, mensageiro do Grande Espírito, soprou meu nome, fazendo tremer as folhas das plantas lá fora.

Eusou Mutua, cacique da aldeia dos Xavantes. Na nossa língua, Xingu quer dizer água boa, água limpa. É o nome do nosso rio sagrado.

Como guiso da serpente, o Vento anunciou perigo. Meu coração pesou como jaca madura, a garganta pediu saliva. Eu ouvi. O Grande Espírito da floresta estava bravo.

Xingu banha toda a floresta com a água da vida. Ele traz alegria e sorriso no rosto dos curumins da

aldeia. Xingu traz alimento para nossa tribo.

Mas hoje nosso povo está triste. Xingu recebeu sentença de morte. Os caciques dos homens brancos vão matar nosso rio.

O lamento do Vento diz que logo vem uma tal de usina para nossa terra. O nome dela é Belo Monte. No vilarejo de Altamira, vão construir a barragem. Vão tirar um monte de terra, mais do que fizeram lá longe, no canal do Panamá.

Enquanto inundam a floresta de um lado,

prendem a água de outro. Xingu vai correr mais devagar. A floresta vai secar em volta. Os animais vão morrer. Vai diminuir a desova dos peixes. E se sobrar vida, ficará triste como o índio.

Como uma grande serpente prateada, Xingu desliza pelo Pará e Mato Grosso, refrescando toda a floresta. Xingu vai longe desembocar no Rio Amazonas e alimentar outros povos distantes.

O espírito do Gavião Real diz que se a artéria do Xingu for rompida por causa da barragem, a ira do rio se espalhará por toda a terra como sangue e seu cheiro será o da morte.

Se o rio morre, a gente também morre, os animais, a floresta, a roça, o peixe tudo morre. Aprendi isso com meu pai, o grande cacique Aritana, que me ensinou como fincar o peixe na água, usando a flecha, para servir nosso alimento.

Se Xingu morre, o curumim do futuro dormirá para sempre no passado, levando o canto da sabedoria do nosso povo para o fundo das águas de sangue.

Hoje pela manhã, o Vento me levou para a

floresta. O Espírito do Vento é apressado, tem de correr mundo, soprar o saber da alma da Natureza nos ouvidos dos outros pajés. Mas o homem branco está surdo e há muito tempo não ouve mais o Vento.

Eu falei com a Floresta, com o Vento, com o Céu e com o Xingu. Entendo a língua da arara, da onça, do macaco, do tamanduá, da anta e do tatu. O Sol, a Lua e a Terra são sagrados para nós.

Quando um índio nasce, ele se torna parte da Mãe Natureza. Nossos antepassados, muitos que partiram pela mão do homem branco, são sagrados para o meu povo.

É verdade que, depois que homem branco chegou, o homem vermelho nunca mais foi o mesmo. Ele trouxe o espírito da doença, a gripe que matou nosso povo. E o espírito da ganância que roubou nossas árvores e matou nossos bichos. No passado, já fomos milhões. Hoje, somos somente cinco mil índios à beira do Xingu, não sei por quanto tempo.

Na roça, ainda conseguimos plantar a mandioca, que é nosso principal alimento, junto com o peixe. Com ela, a gente faz o beiju. Conta a história que Mandioca nasceu do corpo

branco de uma linda indiazinha, enterrada numa oca, por causa das lágrimas de saudades dos seus pais caídas na terra que a guardava.

O Sol me acordou dançando no meu rosto. E o Vento trouxe o clamor do rio que está bravo. Sou corajoso guerreiro, não temo nada.

Caminharei sobre jacarés, enfrentarei o abraço de morte da jiboia e as garras terríveis da suçurana. Por cima de todas as coisas pularei, se quiserem me segurar. Os espíritos têm sentimentos e não gostam de muito esperar.

Eu aprendi desde pequeno a falar com o Grande Espírito da floresta. Foi num dia de chuva, quando corria sozinho dentro da mata, e senti cócegas nos pés quando pisei as sementes de castanha do chão. O meu arco e flecha seguiam a caça, enquanto eu mesmo era caçado pelas sombras dos seres mágicos da floresta.

O espírito do Gavião Real agora aparece rodopiando com suas grandes asas no céu.

Com um grito agudo perguntou:

Quem foi o primeiro a ferir o corpo de Xingu?

Meu coração apertado como a polpa do pequi não tem coragem de dizer que foi o representante do reino dos homens.

O espírito do Gavião Real diz que se a artéria do Xingu for rompida por causa da barragem, a ira do rio se espalhará por toda a terra como sangue e seu cheiro será o da morte.

O Sol me acordou brincando no meu rosto. O dia se abriu e me perguntou da vida do rio. Se matarem o Xingu, todos veremos o alimento virar areia.

A ave de cabeça majestosa me atraiu para a reunião dos espíritos sagrados na floresta. Pisando as folhas velhas do chão com cuidado, pois a terra está grávida, segui a trilha do rio

Xingu. Lembrei que, antes, a gente ia para a cidade e no caminho eu só via árvores.

Agora, o madeireiro e o fazendeiro espremeram o índio perto do rio com o cultivo de pastos para boi e plantações mergulhadas

O homem branco devia saber que nada cresce se não prestar reverência à vida e à natureza. Tudo que acontecer aqui vai voar com o Vento que não tem fronteiras. Recairá um dia em calor e sofrimento para outros povos distantes do mundo.

no veneno. A terra está estragada. Depois de matar a nossa floresta, nossos animais, sujar nossos rios e derrubar nossas árvores, querem matar Xingu.



O Sol me acordou brincando no meu rosto. E no caminho do rio passei pela Grande Árvore e uma seiva vermelha deslizava pelo seu nódulo.

Quem arrancou a pele da nossa mãe? gemeu a velha senhora num sentimento profundo de dor.

As palavras faltaram na minha boca. Não tinha como explicar o mal que trarão à terra.

Leve a nossa voz para os quatro cantos do mundo clamou O Vento ligeiro soprará até as conchas dos ouvidos amigos ventilou por último, usando a língua antiga, enquanto as folhas no alto se debatiam.

Nosso povo tentou gritar contra os negócios dos homens. Levamos nossa gente para falar com cacique dos brancos. Nossos caciques do Xingu viajaram preocupados e revoltados para Brasília. Eu estava lá, e vi tudo acontecer.

Os caciques caraíbas se escondem. Não querem olhar direto nos nossos olhos. Eles dizem que nos consultaram, mas ninguém foi ouvido.

O homem branco devia saber que nada cresce se não prestar reverência à vida e à natureza. Tudo que acontecer aqui vai voar com o Vento que não tem fronteiras. Recairá um dia em calor e sofrimento para outros povos distantes do mundo.

O tempo da verdade chegou e existe missão em cada estrela que brilha nas ondas do Rio Xingu. Pronta para desvendar seus mistérios, tanto no mundo dos homens como na natureza.

Eu sou o cacique Mutua e esta é minha palavra! Esta é minha dança! E este é o meu canto!

Porta-voz da nossa tradição, vamos nos fortalecer. Casa de Rezas, vamos nos fortalecer. Bicho-Espírito, vamos nos fortalecer. Maracá, vamos nos fortalecer. Vento, vamos nos fortalecer. Terra, vamos nos fortalecer.

Rio Xingu! Vamos nos fortalecer!

Leve minha mensagem nas suas ondas para todo o mundo: a terra é fonte de toda vida, mas precisa de todos nós para dar vida e fazer tudo crescer.

Quando você avistar um reflexo mais brilhante nas águas de um rio, lago ou mar, é a mensagem de lamento do Xingu clamando por viver. Cacique Mutua

19-J: indignação massiva

Os indignados apontaram, sem ambiguidades, que os mesmos que exigem as políticas de cortes não as aplicam a si mesmo.

Por **Josep Maria Antentas**
e **Esther Vivas**

A indignação superou a todos os cálculos, tomando massivamente as ruas, e mostrando a brecha aberta entre o mal estar social e as políticas nas instituições. Do 15M ao 19J, se acumulou forças e teceu cumplicidades, e não só no local (acampamentos e bairros) senão com amplos setores sociais que se sentem identificados com esta crítica tácita contra classe política e contra um sistema bancário e financeiro que é responsabilizado pela atual crise. O lema “não somos mercadoria nas mãos de políticos e banqueiros” sintetiza ambas demandas.

As e os indignados apontaram sem ambiguidades aqueles que vacilaram frente aos “mercados” e que, exigindo políticas de cortes e ajustes, não as aplicaram a si mesmo. “Queremos políticos mileuristas” era uma das consignas calorosamente aplaudidas nas manifestações. A democracia atual resulta ser cada vez mais vazia de conteúdo para uma sociedade com vontade de decisão e de controle sobre suas próprias vidas. Um voto a cada quatro anos não é suficiente para aqueles que reivindicam a política como o exercício cotidiano de seus direitos, no dia a dia e de baixo para cima.

O cerco ao movimento, depois da ação ao Parlamento catalão no 15-M, não deu conta de barrar a indignação coletiva que supera as e os que estiveram nos acampamentos. Quem acreditava que o movimento era uma coisa de jovens, ativistas... se equivocou. Também se equivoca quem considera os fatos como mero problema de ordem pública. Os de sempre passaram a ser muitos. Dois anos e nove meses de crises, pesam. O movimento expressa um

profundo mal-estar social que finalmente veio a público e, como é habitual, de forma imprevista e com novas manifestações. Não estamos diante de um fenômeno conjuntural ou passageiro, senão diante dos primeiros tremores de um novo ciclo de mobilização, dos quais o 15-M e os acampamentos atuaram como ponta de lança.

Do 15-M ao 19-J se recuperou a confiança na ação coletiva. Superou-se o ceticismo e a resignação ao “sim se pode”. As revoltas no mundo árabe, as mobilizações na Grécia e o “não pagaremos sua crise” do povo islandês pesou com força no imaginário coletivos e lhe deu impulso, permitindo recuperar a confiança no “nós”. A “globalização da resistência” daquele movimento “outro-mundista”, de mais de dez anos, se revive de novo num cenário bem diferente, marcado pela crise.

Depois da jornada do 15-M, na que o movimento se viu imerso em uma batalha por legitimidade, o 19-J se apresentava como um teste para mostra sua solidez frente aos ataques recebidos. Trata-se de traduzir em ação na rua as simpatias populares que este havia despertado. E assim tem sido. O 19-J mostrou a ampliação do movimento, sua capacidade de mobilização de massas e sua explosiva expansão em um tempo muito curto. Seu crescimento em relação ao 15-M não só quantitativo senão também qualitativo, em termos de diversificação de sua base social e composição etária.

E agora, o quê? Os desafios do movimento passam por reforçar seu enraizamento territorial, potencializar assembleias locais e mecanismos de coordenação estáveis. Da mesma forma, trata-se de buscar laços com a classe trabalhadora, os setores em luta e o sindicalismo combativo, e manter a pressão sobre os sindicatos majoritários, desconsertados por



DEMOCRACIA VERDADEIRA **JÁ**

uma mudança no panorama político e social que não previam. É necessário conseguir vitórias concretas. A paralisação de vários despejos, ainda que pequenas vitórias defensivas, assinala o caminho e aponta novas energias. Em geral, o movimento tem o desafio de combinar seu caráter generalista, de crítica global ao atual modelo econômico e a classe política, com o fortalecimento das lutas concretas, contra os cortes sociais e as políticas que buscam transferir os custos da crise para as e os de baixo.

O 19-J marcou o ponto de inflexão que culmina a primeira fase aberta com o 15-M e prepara a etapa seguinte de um movimento que não fez mais que começar.

Tradução: Antonio Cunha Neto

Josep Maria Antentas é professor de sociologia na Universitat Autònoma de Barcelona.

Esther Vivas é membro do Centro de Estudios sobre Movimientos Sociales da Universitat Pompeu Fabra.

Os aganaktismeni [indignados] tomam as praças e as ruas na Grécia

Por **Yorgos Mitralias**

Duas semanas depois de seu início, o movimento dos “Indignados” gregos desbordar as praças das cidades do país com enormes multidões que gritam sua cólera e fazem tremer o governo Papandreu e seus apoios locais e internacionais. Já não se trata de um simples protesto, nem de uma mobilização de amplitude contra as medidas de austeridade. Desde já, é uma verdadeira revolta popular, que está varrendo toda a Grécia. Uma revolta que grita aos quatro ventos seu rechaço de pagar “suas crises” e “sua dívida” ao mesmo tempo que abominam o bipartidarismo neoliberal, quando não o conjunto de um pessoal político em situação desesperadora.

Quantos estavam, no domingo 5 de junho de 2011, na Praça de Sintagma (praça da Constituição) no centro de Atenas, justamente em frente ao Parlamento? É difícil dizer, já que uma das particularidades destas reuniões populares é que, na falta de discurso central ou de concerto, há um ir e vir permanente de manifestantes. Mas, se levarmos em conta os responsáveis do metrô de Atenas, que sabem como calcular o número de seus passageiros, ao menos 250.000 pessoas confluíram a Sintagma nesta memorável noite! Em suma, várias centenas de milhares, se a isso se agregam as multidões “históricas” reunidas nas praças centrais de dezenas de outras cidades gregas.



Neste momento se impõe entretanto uma interrogação: como é possível que tal movimento de massas que, além do mais, está fazendo balançar o governo grego, o centro de interesses europeu, passou sob completo silêncio para todos os meios de comunicação ocidentais? Praticamente nem uma só palavra durante seus 12 primeiros dias, nenhuma imagem dessas multidões sem precedentes, que gritavam sua cólera contra o FMI, a Comissão Europeia, a troika (FMI, Comissão Europeia e Banco Central Europeu) e também contra a Sra. Merkel e o gotha neoliberal internacional. Absolutamente nada. Salvo, de quando em quando, algumas linhas sobre as “centenas de manifestantes” nas ruas de Atenas, ao chamado da CGT grega. Estranha predileção por esqueléticas manifestações dos burocratas sindicais, totalmente desacreditados, desde

o momento em que a algumas centenas de metros mais para lá enormes multidões manifestam até muito tarde, passada a meia noite, fazia duas semanas...

Se trata, ainda que pareça mentira, de uma censura de dimensões desconhecidas até o dia de hoje. De uma censura política muito organizada e metódica, motivada pela preocupação de bloquear o contágio deste movimento grego, de impedir que se estendesse como uma mancha de óleo pela Europa. Frente a esta nova arma da Santa Aliança dos tempos modernos, teremos todos que reagir, tanto para denunciar esse escândalo, como para encontrar os meios de eludir essa proibição de informar a opinião pública, mediante o desenvolvimento da comunicação entre os movimentos sociais de toda a Europa e a criação e reforço de nossos próprios meios de comunicação alternativos...

Voltando aos Indignados gregos (Aganaktismeni, em grego), há que se notar que se trata de um movimento cada vez mais popular ou inclusive plebeu, à imagem de uma sociedade grega habituada, após 25 anos de dominação absoluta da ideologia (neoliberal) cínica, patrioteira, racista e individualista, que transformou tudo em mercadoria. É a razão pela qual a imagem que surge é a miúdo contraditória, misturando o melhor e o pior nas idéias como nos atos de cada um dos manifestantes. Como por exemplo, quando a mesma pessoa manifesta de maneira patente um patriotismo grego com ares racistas, ao mesmo tempo que desfralda uma bandeira tunisiana (ou espanhola, egípcia, portuguesa, irlandesa e argentina) para manifestar sua solidariedade... internacionalista aos povos em luta desses países.

Devemos concluir, então, que estamos em presença de uma multidão de manifestantes esquizofrênicos? De modo nenhum. Como não há milagres, nem protestos sociais politicamente “puros”, o movimento dos Indignados gregos se radicaliza a olhos vistos, ao mesmo tempo em que está marcado por estes 25 anos de desastre social e moral. Mas, atenção: todos seus “defeitos” se subordinam a sua característica principal, que é o rechaço radical do Memorandum, da troika, da dívida pública, do governo, da austeridade, da corrupção, desta democracia parlamentar fictícia, da Comissão Europeia, em suma, do sistema em seu conjunto.

Não é pois por casualidade, que as centenas de milhares de Indignados gregos gritem há 14 dias, repetindo consignas eloquentes, tais como “Não devemos, não vendemos, não pagamos”, “Não se vende e não nos vendemos”, “Que se vão agora todos, memorandum, troika, governo e dívida” ou “Nós ficamos até que eles se vão”. É um fato que consignas desse tipo unem todos os manifestantes, como também tudo o que tenha relação com o rechaço de assumir e de pagar a dívida pública.[1]

É, além do mais, a razão pela qual a campanha da Iniciativa por uma Comissão de Auditoria da Dívida Pública tem tal êxito

praticamente em todo o país. Seu estande em plena Praça de Sintagma está permanentemente assediado por uma multidão de pessoas que quer assinar sua convocatória ou oferecer seus serviços como voluntários... [2]

Primeiro, quase completamente desorganizados, os Indignados de Sintagma se deram progressivamente uma organização cujo ponto culminante é a Assembleia popular que atrai a cada noite, às 21 horas, várias centenas de participantes, ante milhares de ouvintes muito atentos. Os debates são, a miúdo, de grande qualidade (por exemplo, aquele sobre a dívida pública), ultrapasando de longe tudo o que há de melhor nos grandes canais de televisão. E tudo isso apesar do ruído (estamos em pleno centro de uma cidade de 4 milhões de habitantes), do ir e vir de dezenas de milhares de pessoas e, sobretudo, da composição variegada destes auditórios colossais em meio de um acampamento permanente que, por momentos, se assemelha a uma verdadeira Torre de Babel.

Todas estas virtudes da “Democracia Direta” experimentada dia após dia em Sintagma, não devem nos fazer esquecer suas debilidades, suas ambiguidades ou seus defeitos, como, por exemplo, sua alergia inicial a tudo o que se refira a partidos, a sindicatos ou a qualquer coletividade estabelecida.

Se bem que seja indiscutível que esta aversão pelos “partidos” é predominante nas multidões dos Indignados gregos que têm tendência a rechaçar o conjunto do mundo político sem distinção, há que se notar, ainda quando a evolução espectacular da Assembleia Popular, tanto em Atenas como em Salónica, que passou do rechaço dos sindicatos ao convite para desembocar suas manifestações em Sintagma, para que seus trabalhadores se unam aos Indignados...

Por suposto, não é nenhum segredo que, com o pasar do tempo, houve uma clarificação da paisagem política da Praça de Sintagma, a direita e a extrema-direita popular estando representada na multidão da parte alta da Praça, justamente diante do Parlamento, e a esquerda radical e anarquizante ocupando

a Praça mesma e controlando a Assembleia Popular e o acampamento permanente.

Sem dúvida, se bem que esta esquerda radical dê o tom e deixe sua pegada em todas as atividades e manifestações em Sintagma, tingindo-as de um vermelho intenso, não se pode concluir que os diversos matizes da direita populista, patrioteira, racista ou, inclusive, francamente neonazi vão cessar suas tentativas de influenciar este gigantesco movimento popular. Vão persistir e tudo depende, em última instância, da capacidade da vanguarda do movimento de enraizá-lo profundamente nos bairros, nos centros de trabalho e nas escolas, ao mesmo tempo que o dotem de objetivos claros, que sirvam de ponte entre suas enormes necessidades imediatas e a raiva vingadora e antissistema.

Bastante diferente de seu homólogo espanhol, por suas dimensões, sua composição social, sua radicalidade e sua heterogeneidade política, o Sintagma grego compartilha com a Praça Tahrir do Cairo ou a Porta do Sol de Madri o mesmo ódio pela elite política e econômica que acapara e esvazia de todo conteúdo a democracia parlamentar burguesa em tempos do mais arrogante e desumano neoliberalismo. Ao mesmo tempo, está impregnado do mesmo desejo participativo, democrático e não violento que marca profundamente toda a revolta popular neste início do século XXI.

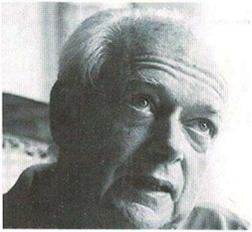
Nossa conclusão não pode ser senão muito provisória: independentemente da evolução dos acontecimentos, que se já anunciam como um cataclismo, o movimento atual dos Indignados gregos haverá marcado um hiato na história do país. Daí para a frente, tudo é possível e já nada será como antes...

Notas:

(1) Veja-se Eric Toussaint, “Grécia: símbolo da dívida ilegítima”.

(2) www.cadtm.org/18/06/11

Yorgos Mitralias anima o Comitê grego contra a dívida, que é membro da rede internacional CADTM. Veja a página Web do comitê grego: <http://www.contraxreos.gr/>



O trabalho e o jogo

Os brasileiros estão jogando cada vez mais. A prática das apostas ganha novos adeptos a cada dia. O jogo do bicho prospera. O Governo federal e os Governos estaduais promovem suas diversas loterias. Muita gente faz fila para arriscar a sorte na sena, na quina da loto ou nas numerosas raspadinhas.

O fenômeno está preocupando muitos setores da sociedade. Nos círculos conservadores se fala, com escândalo, na “generalização da jogatina” e se adverte contra a expansão da “influência perniciosa do vício”. Outras áreas lamentam que os poucos recursos economizados pelos assalariados sejam investidos numa aventura, em vez de serem sabiamente poupados e postos a render dividendos.

Mesmo entre os que enxergam os aspectos desagregadores do jogo, entretanto, há muitos espíritos críticos que procuram compreender o que está acontecendo e repelem a tentação autoritária do recurso simplista a medidas de repressão.

As proibições com frequência são dolorosas, traumáticas e inócuas. Em lugar de tentar resolver os problemas prendendo e arrebatando, devemos procurar discernir suas raízes históricas e culturais.

Devemos ter a coragem de indagar se o poder de atração do jogo não tem a ver com o tipo de sociedade que foi criado aqui, ao longo da nossa história.

A questão – note-se – não é exclusivamente brasileira: é fácil percebermos que ela tem uma presença marcante na América Latina. O grande

escritor argentino Jorge Luis Borges já escreveu uma vez: “Yo soy de un país donde la lotería es parte principal de la realidad”. As sociedades do nosso continente nasceram, todas, sob o signo da aventura: os europeus que destruíram as culturas indígenas e importaram negros escravizados apostavam no enriquecimento rápido.

As proibições com frequência são dolorosas, traumáticas e inócuas. Em lugar de tentar resolver os problemas prendendo e arrebatando, devemos procurar discernir suas raízes históricas e culturais. Devemos ter a coragem de indagar se o poder de atração do jogo não tem a ver com o tipo de sociedade que foi criado aqui, ao longo da nossa história.

No caso brasileiro, as condições se agravaram enormemente com a modernização autoritária e a sucessão das negociatas. A população tinha a impressão de que as elites haviam transformado a sociedade num imenso cassino. Entre os grandes trambiqueiros do

A paixão pelo jogo cresce paralelamente à constatação de que o trabalho está caracterizado como ocupação de otário. O que conta, para o trabalhador, não são os discursos em que os políticos e os empresários o cobrem de elogios: é o salário que lhe mostra o que ele realmente vale aos olhos do Estado e do patrão.

nosso país, quantos foram exemplarmente punidos? E quantos permaneceram (e permanecerem) impunes?

Obrigado a dar duro para sobreviver, o trabalhador vem observando esse espetáculo e tentando extrair dele sua lição. A experiência cotidiana e o sufoco do salário arrochado lhe

dizem com muita eloquência que no mundo do trabalho quase não há espaço para a esperança. O sonho, expulso pela remuneração aviltante, emigra para o jogo.

A paixão pelo jogo cresce paralelamente à constatação de que o trabalho está caracterizado como ocupação de otário. O que conta, para o trabalhador, não são os discursos em que os políticos e os empresários o cobrem de elogios: é o salário que lhe mostra o que ele realmente vale aos olhos do Estado e do patrão.

O homem do povo, o homem comum, está valendo pouco na nossa sociedade. Quando ele joga no bicho ou na loto, aposta no futebol ou nas corridas de cavalo, é claro que não está contribuindo, concretamente, para superar a situação frustrante para a qual foi empurrado, como vítima, pelos donos do poder político e econômico.

A “fézinha” só pode resolver o problema de um ou outro no meio de muitos milhares. No entanto, o movimento que leva a pessoa a jogar manifesta, também ao lado da ilusão, certo inconformismo diante do vazio do presente. Quem joga, afinal, ainda está mostrando que é capaz de ansiar por um futuro melhor.

Como se pode canalizar esse inconformismo e essa ânsia de um futuro mais bonito para uma ação historicamente mais fecunda do que a febre das apostas? Como mobilizar coletivamente as energias que se dispersam na aventura individualista do jogo?

Creio que a direção política em que deve ser buscada uma resposta democrática para essas indagações passa, necessariamente, por uma enérgica valorização do trabalho – e dos trabalhadores.

*Filósofo



Dívida pública e Superávit primário: as minhocas do desenvolvimento brasileiro

Em seu artigo na página da Revista Veja na internet, de 27/6/2011, o colunista Ricardo Setti alega que a minha emenda à Lei de Diretrizes Orçamentárias para 2012, pleiteando o fim do superávit primário, seria um projeto “estapafúrdio, próximo do ridículo”, e ainda pede que eu “tenha juízo, e não minhoca na cabeça!”.

Porém, é preciso esclarecer que minha emenda foi aprovada pela Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) do Senado, para ser apresentada à Comissão de Orçamento, ou seja, já é um projeto de toda a CCJ, e não só meu. Além do mais, para garantir o pagamento da questionável dívida pública e o cumprimento da meta de “superávit primário”, as pessoas morrem nas filas dos hospitais, se apertam em ônibus que mais parecem latas de sardinha, sofrem com a má qualidade do ensino público, esperam indefinidamente pela garantia do direito de acesso a terra, etc.

Segundo o colunista, caso o superávit primário fosse extinto, “o país e todos os bancos quebrariam imediatamente, centenas de milhares de brasileiros levariam um monumental calote, os investidores estrangeiros sairiam correndo, haveria desemprego em massa e a paralisação da economia e o Brasil levaria uns 10 anos, ou mais, para voltar aos patamares de hoje.”.

Porém, os EUA e a União Européia não têm metas de superávit, mas praticam imensos déficits, e nem por isso seus bancos quebram, ou há crise. Na verdade, há uma grande crise global sim, mas causada pela irresponsabilidade dos próprios bancos, que tiveram de ser salvos pelo próprio Estado, à custa do povo, gerando, aí sim, uma imensa dívida pública, que está sendo paga à custa da grande retirada de direitos dos trabalhadores europeus.

No Brasil, os bancos também são sustentados pelo Estado. A maior parte dos títulos

da dívida interna (63%) se encontra não mão de bancos e grandes investidores, que assim ganham a maior taxa de juros do mundo. Outros 21% estão na mão dos chamados “Fundos de Investimento”, o que completa o percentual de 84% da dívida, principalmente na mão de grandes investidores.

Apesar de muitos analistas argumentarem que tais “Fundos de Investimento” teriam como principais beneficiários os pequenos investidores, a recente CPI da Dívida na Câmara dos Deputados (proposta pelo Deputado Ivan Valente – PSOL/SP) desmascarou esta informação. Respondendo a requerimento oficial da CPI, que solicitava o perfil (tamanho) dos principais credores da dívida via tais Fundos e outras aplicações bancárias, o governo afirmou simplesmente que não dispunha desta informação.

Interessante ressaltar que o próprio articulista diz que os brasileiros credores da dívida seriam “centenas de milhares”, ou seja, não chegam a um milhão, representando no máximo 0,5% da população.

Na realidade, sabemos que são os grandes investidores os principais beneficiários da dívida pública que, conforme mostrou a CPI possuem diversos e graves indícios de ilegalidade, tais como juros sobre juros, falta de documentos e informações, a não autorização do Senado em operações de dívida externa, e até mesmo a realização de reuniões entre o Banco Central e “analistas independentes” – que, na realidade são, em sua maioria, rentistas – para definir variáveis como inflação e juros, depois usadas pelo COPOM na definição da taxa Selic, que beneficia os próprios rentistas.

Até mesmo o Secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, Márcio Holland, criticou os superávits do governo, criticando as metas anteriores e futuras.

Dessa maneira, a dívida e seus credores agem como verdadeiras minhocas na maçã, e vão fazendo tuneis no desenvolvimento brasileiro, acarretando o corte nos investimentos sociais e concentrando renda e riqueza na mão de poucos.

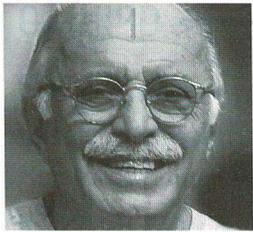
Lembremos que a principal justificativa do corte de R\$50 bi no orçamento do governo federal neste ano, que atingiu centralmente as áreas sociais e estratégicas do País teve como objetivo o ajuste fiscal para cumprir as metas do superávit primário que só nos quatro primeiros meses do ano alcançou em tempo recorde o valor de R\$ 57,3 bilhões, o que equivale a 49% da meta para 2011. O objetivo para este ano foi fixado em termos nominais, em R\$ 117,9 bilhões. Ou seja, enquanto cortava dos investimentos sociais o governo em um terço do ano, fez a metade da meta de pagamentos ao capital financeiro.

Mas a maior ilegalidade da dívida é o descumprimento do Art. 26 das Disposições Transitórias da Constituição de 1988, que prevê a Auditoria da Dívida, jamais realizada, e que poderia apurar a fundo todos estes fatos, mostrando que dívida é essa, como cresceu absurdamente, e se realmente devemos ou não.

A auditoria da dívida foi executada recentemente com grande sucesso pelo governo do Equador, que assim pôde provar a ilegalidade da dívida, e impor aos rentistas a anulação de 70% do débito com os bancos privados internacionais. Nem por isso houve crise ou desemprego, mas sim, um grande aumento dos gastos sociais.

Auditar a dívida é conquistar a soberania do país frente ao setor financeiro, que no Brasil continua sugando a maior parcela do orçamento, em detrimento da garantia dos direitos sociais.

*Senador PSOL/AP



O “Socialismo dos Ricos”, ou “O Polulismo”

Deu na primeira página do “Valor Econômico”, um dos espaços de mídia onde se encontra jornalismo de qualidade. Abilio Diniz vai atrás de R\$ 3,9 bi do BNDES, para uma operação de fusão Pão de Açúcar-Carrefour, onde não entrará com UM TOSTÃO, mas passará a controlar 32,2% das vendas do varejo nacional. Sem colocar um tostão do seu bolso, vale repetir.

Logo a seguir, “Commodities representam 71% do valor das exportações” mancheteia uma matéria que, no corpo, revela a fragilidade da operação – a maior parte está baseada em produtos, cujo preço não controlamos. Ou seja; se a crise da dívida norte-americana radicalizar por disputas eleitorais entre democratas e republicanos, nos Estados Unidos, e a China mudar o eixo do comércio internacional, diminuindo importações, olha nós, aí, no brejo.

O grave é que o porcentual de commodities sobre manufatarados aumentou na balança de exportações. Em relação ao ano passado, aumentaram 39,1%, enquanto os manufaturados subiram apenas 15,1%.

Resta o plano inferior da página: “Na Olimpíada, uma antevisão da crise grega”. Por que? Simples. Gastos iniciais de US\$ 1,5 bilhões, terminaram em US\$ 11,9 bi, oficialmente, porque há indícios, diz o texto, de que possa ter chegado a 30 bilhões de Euros – mais que US\$ 40 bilhões.

Mas vamos tratar especificamente da manchete principal, porque a lusitana ainda está girando, e a torcida é grande para que o sócio francês de Diniz, o Casino, consiga melar a baderna.

Para quem gerou um “sequestro” suspeitíssimo na véspera do segundo turno em 1989, com Lula tendo grandes chances de vitória comprometidas pelas suspeitas de ligações políticas

com os sequestradores, esse neopetista realmente progrediu. Virou, junto com Gerda, os controladores do Bradesco e Itaú; junto com os predadores do agronegócio, um dos principais “aliados” do lulismo pragmático.

Abilio Diniz vai atrás de R\$ 3,9 bi do BNDES, para uma operação de fusão Pão de Açúcar-Carrefour, onde não entrará com UM TOSTÃO, mas passará a controlar 32,2% das vendas do varejo nacional.

Esta mais recente ameaça de tenebrosa transação comprova como o polulismo, digo, o populismo lulista, foi competente na matamorfose em que transformou um projeto classista de transformação radical da realidade brasileira no mais eficaz agente do capital monopolista em nosso país.

Em oito anos, conseguiu gerar um modelo em que todos ganham – uns muito mais que outros, evidentemente –, mas suficientemente para colocar colchões amortecedores entre

Operações de fusão que, é bom ser dito, em nada vêm impedindo a constante desindustrialização do nosso parque produtivo, em benefício de operações financeiras que ninguém sabe onde vão dar.

classes em conflito. Sintetizando, esses quase R\$ 4 bi que o BNDES pode proporcionar à manobra de Diniz, correspondem à metade do que foi destinado a tornar “felizes” 11 milhões de famílias com a Bolsa, em 2007. E cito 2007, pois foi o último ano em que me preocupei em seguir a relação lucros bancários x combate à miséria por políticas assistencialistas. Naquele então, o

destinado à Bolsa família, em 12 meses, correspondia ao lucro, em 9 meses, do segundo maior banco privado brasileiro, o Bradesco. Porque o primeiro, o Itaú, nesses mesmos 9 meses, tivera um lucro exatamente R\$ 500 milhões maior que o despendido com o “social”.

Pois bem; sob a ótica do prestígio ao desenvolvimentismo, sobre o monetarismo – na essência, louvável –, estamos, mais uma vez e de fato, diante de uma proposta clara de privatização do lucro, com socialização previsível do prejuízo.

Os recursos que faltam para as políticas públicas, em virtude de um criminoso superávit fiscal, voltado a garantir retorno aos bancos, e sem risco de tudo o que se especula com a dívida pública – crescente em progressão geométrica desde que o modelo macroeconômico se iniciou lá no mandarinato tucano-pefelista de FHC – são acrescidos agora pelos constantes “empréstimos” que o Tesouro vem fazendo ao BNDES. Empréstimos que se transformam em transferências subsidiadas para as operações – reitero, sem riscos – do grande capital, em suas operações de fusão. Operações de fusão que, é bom ser dito, em nada vêm impedindo a constante desindustrialização do nosso parque produtivo, em benefício de operações financeiras que ninguém sabe onde vão dar.

Barra pesada que, no dia seguinte ao desligamento de um quadro histórico e simbólico, como Vladimir Palmeira, deve servir de reflexão aos petistas que ainda acreditam que o PT seja “socialista”, como consta do programa.

Ou será que estariam de acordo em defender o que Noam Chomsky definiu como “socialismo dos ricos”?

* Jornalista



Miséria humana e roubalheira política sustentam o Poder

O simbolismo das datas – ao longo da história da humanidade – auxilia a todos nós a refletir sobre acontecimentos diversos e assim poder comemorar em alegria exuberante as conquistas ou chorar em melancolia e tristeza profunda as perdas ou criticar com veemência as omissões e cumplicidades que destroem a dignidade humana ou simplesmente preferir nem conhecimento delas tomar e ponto!

O mês de junho, para o Nordeste especialmente, tem a lindeza das recordações das meninas de tranças – que todas nós do interior já fomos – a pular fogueiras com vestidinhos de todas as flores e a gritar nas quadrilhas juninas... “...olha pró céu meu amor...” ou “...só porque não vem quem tanto eu queria...” e os sorrisos e olhares e suspiros e lágrimas de amor primeiro! Além das muitas atividades articuladas, também neste mês, pelos agentes públicos e movimentos sociais especialmente para datas relacionadas a temas de grande importância nas Políticas Sociais como a Defesa do Meio Ambiente, Erradicação do Trabalho Infantil, Combate à Violência ao Idoso, etc.

Nos festejos juninos digamos que mudou um bocado! As lindas e gigantescas festas, com raras exceções, estão recheadas do propinódromo onde a vigarice política ganha muito dinheiro nos contratos fraudados e consolida poder ludibriando o povão! Setores da elite política bebem todas, cheiram muito pó, conquistam votos e se perpetuam na administração pública ao ritmo de muitas festas e de profunda e triste miséria social. Nas festas da manipulação política – e no consumo desvairado das drogas lícitas ou ilícitas por muitos do povo – está o antídoto perfeito da rebelião social!

A população, em maioria, rapidamente se esquece da roubalheira política, da indigência social, da miséria humana... se esquece dos que estão nos Hospitais Públicos com feridas fétidas e mergulhados em fezes e urina; das mulheres com terríveis cânceres de mama que mais parecem couve-flor apodrecida e que não conseguem leitos hospitalares nem para mastectomias; dos flagelados das enchentes e das secas nas tendas de calor, sujeira e promiscuidade; das famílias vulneráveis socialmente, penduradas em barracos ou casebres nas encostas, sem conseguir vivenciar a delicadeza do cheiro de terra molhada, pois têm que sair correndo em desespero antes que sejam arrastadas pelas águas... São muitos que se esquecem das crianças cujas infâncias são roubadas para sempre quando utilizadas como mão-de-obra escrava do narcotráfico; das trabalhadoras de educação que ao vivenciar a angústia dos salários ridículos e a violência no cotidiano de trabalho sequer conseguem exercitar a delicadeza em ensinar as lições aos seus filhos; da precariedade extrema das condições de trabalho na segurança pública, na saúde... no campo, na cidade; ...dos filhos assassinados e chorados dia após dia feito o maior dos lamentos das suas mães... Renatinho, Fernando, Alexystaine, Fábio, Giovana, Maria, José... e tantos(as) muitos mais assassinados(as) por serem pobres e pelas mais diversas formas de intolerância, covardia e preconceito.

A desestruturação ou ausência das Políticas Públicas, da máquina estatal, do planejamento e gestão com eficácia e resolutividade, do rigor técnico necessário não é apenas uma demonstração da desprezível mediocridade intelectual, da

insensibilidade, da incompetência das Excelências Calhordas... de fato é uma necessidade deles para que se possam perpetuar reinos putrefatos de riqueza roubada e ostentada vulgarmente... é uma necessidade para sobrevivência desses parasitas políticos que continuam consumindo dia após dia a dignidade humana, os talentos infantis, a possibilidade concreta de vida vivida em plenitude!

Os Calhordas da Política precisam que não exista o acesso à educação, conhecimento e cultura para que a maioria continue a ser manobrada e manipulada pelas conveniências dos que compram consciências... eles precisam de um poderoso setor da classe média que tem diploma universitário, mas é acovardado de forma vergonhosa... eles precisam que os serviços de saúde não funcionem para obrigar a pobreza a mendigar desesperados pelo atendimento nos comitês deles... eles precisam que a Esperança seja aniquilada das nossas vidas – todos os dias – para que ao perdê-la eles possam, na sordidez e impunidade, continuar a construir castelos de riquezas conquistadas pelos roubos e medos impostos pelo poder!

Mas... apesar dessa gentalha que está na política para roubar cinicamente, assassinar covardemente, explorar a pobreza friamente e destruir a natureza impunemente... e como mentem! Vamos aproveitar a beleza e alegria das Festas Juninas para renovar as nossas forças, mas sem esquecer as trincheiras em que realmente estamos e das lutas – por ética e justiça social – em que ainda somos os derrotados... por enquanto! Assim... Saudações a quem tem Coragem... Desprezo à Pusilanimidade!

* Vereadora de Maceió PSOL/AL



É o dinheiro, estúpido!

Sob a aparente “normalidade”, entretanto, algo se move. As revoltas populares nos países árabes e as praças ocupadas por jovens e desempregados na Europa, em especial na Espanha, na Grécia e em Portugal, chegam até nós.

A famosa exclamação do publicitário James Carville – “É a economia, estúpido!” – aventando a derrota de Bush pai para Bill Clinton, em 1992, admite paráfrase sobre o Brasil de hoje. O caso Palocci vai muito além da consultoria milionária que prestou enquanto exercia mandato de deputado federal.

O essencial da questão produz, recorrentemente, características regressistas à nossa República: a total promiscuidade entre negócios privados e interesse público.

O deus dinheiro dogmatiza a afirmação de que a vivência como gestor público “é experiência única, que dá enorme valor de mercado”.

Enriquecimento patrimonial atípico não provoca desconforto sequer em partido de inspiração socialista, cada vez mais vinculado às grandes corporações. Afinal, “enriquecer não é crime”, e até para o procurador não há o que procurar.

Um autor muito caro aos petistas de antigamente, Karl Marx, em “As Lutas de Classe na França”, com sua análise acurada do contexto europeu da metade do século 19, ainda joga luz ao que acontece aqui: “As enormes somas que passavam pelas mãos do Estado davam a oportunidade para fraudulentos contratos de fornecimento, corrupção, subornos, malversações e ladroerias de todo gênero. A pilhagem por atacado do Estado pelos financistas repetia-se a varejo nas obras públicas”.

Ontem como hoje, o Estado não é fortalecido para prover à população os serviços fundamentais, mas, sim, para viabilizar riquezas e a perpetuação dos

A cobrança mobilizadora tem eixos culturais mudancistas, como eliminação de privilégios, serviços públicos de qualidade, garantia de direitos sociais, combate às desigualdades, controle das movimentações financeiras e democracia participativa. Questionando o sistema político e o cinismo partidário, a multidão na Porta do Sol, em Madri, proclama: “Nossos sonhos não cabem nas suas urnas”.

seus operadores.

Privatiza-se a política: os fetiches de dinheiro e prosperidade, ícones da cultura dominante, estão inoculados no nosso sistema eleitoral.

A eleição de representantes da população demanda crescentes recursos, restritivos a que maiorias sociais se tornem maiorias políticas. Dos eleitos para o Congresso, 55% tiveram financiamentos de grandes empreiteiras.

Os amálgamas das bancadas parlamentares não são doutrinas e projetos, mas interesses imediatos: do banco, da bola, da bala, da motosserra. Todos os chamados “grandes candidatos” ao Executivo têm os mesmos provedores: instituições financeiras, mineradoras, construtoras, agroindústrias.

Os partidos políticos, desideologizados, consórcios para ocupação de espaços clientelistas da administração, são

empresas que produzem a mercadoria voto, cujo combustível de fidelização é a política de clientela e um governismo atávico. A militância de ideias e de causas encolhe diante do poder dissolvente do dinheiro.

No Brasil, cumprir a lei é revolucionário. Na administração pública, a simples prática dos princípios constitucionais da legalidade, da moralidade, da impessoalidade e da publicidade, em todos os níveis, seria transformadora. Esses preceitos já deviam ter vedado qualquer atividade empre-

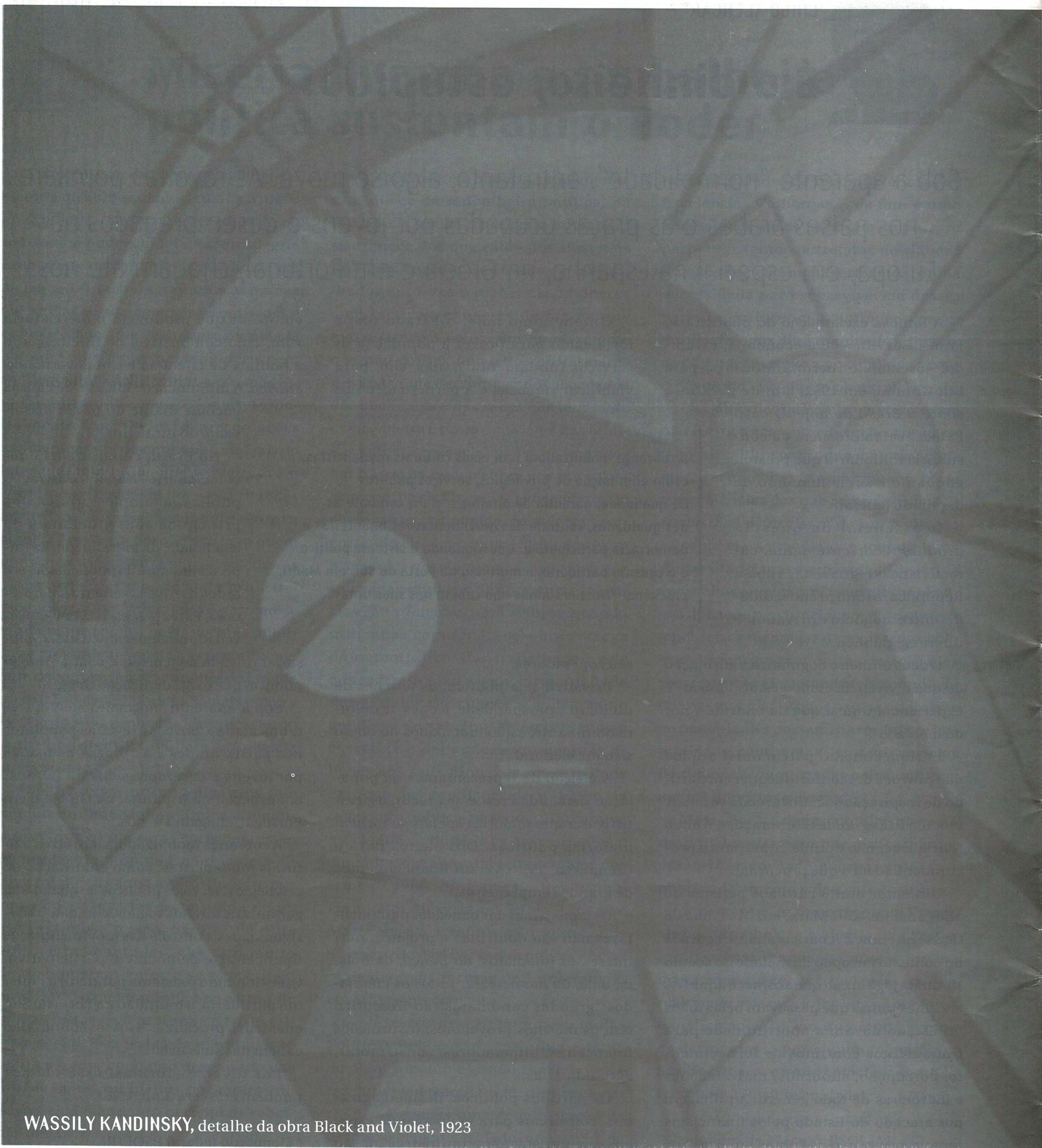
sarial privada concorrente com a função pública, que exige dedicação integral.

Sob a aparente “normalidade”, entretanto, algo se move. As revoltas populares nos países árabes e as praças ocupadas por jovens e desempregados na Europa, em especial na Espanha, na Grécia e em Portugal, chegam até nós.

A cobrança mobilizadora tem eixos culturais mudancistas, como eliminação de privilégios, serviços públicos de qualidade, garantia de direitos sociais, combate às desigualdades, controle das movimentações financeiras e democracia participativa. Questionando o sistema político e o cinismo partidário, a multidão na Porta do Sol, em Madri, proclama: “Nossos sonhos não cabem nas suas urnas”.

Por diversas formas, esse clamor também crescerá aqui.

* Deputado federal PSOL/RJ



WASSILY KANDINSKY, detalhe da obra Black and Violet, 1923



VLADIMIR MAIAKOVSKI

E então que quereis?...

*Fiz ranger as folhas de jornal
abrindo-lhes as pálpebras piscantes.*

*E logo
de cada fronteira distante
subiu um cheiro de pólvora
perseguindo-me até em casa.
Nestes últimos vinte anos
nada de novo há
no rugir das tempestades.*

*Não estamos alegres,
é certo,
mas também por que razão
haveríamos de ficar tristes?*

*O mar da história
é agitado.
As ameaças
e as guerras
havemos de atravessá-las,
rompê-las ao meio,
cortando-as
como uma quilha corta
as ondas.*

EXPEDIENTE

Coordenação editorial

Sergio Granja
Roberto Robaina
Luiz Arnaldo
Honório Oliveira
Israel Dutra

Projeto gráfico e diagramação

Fernando Braga

Produção executiva

Silvia Mundstock

FUNDAÇÃO LAURO CAMPOS

Av. Rio Branco, 185 - Sala 1525 - Centro
Rio de Janeiro - RJ
CEP 20.040-007
Fone (21) 2215-2491

Presidente de honra

Oraida Policena de Andrade Campos

DIRETORIA EXECUTIVA

Diretor Presidente

Carlos Roberto de Souza Robaina

Diretor Técnico

Jorge Milton Temer

Diretor Administrativo-Financeiro

Rodrigo da Silva Pereira

CONSELHO DE CURADORES

Presidente

Mário Agra Junior

Vice-presidente

José Enrique Morales Bicca

Membros titulares

Heloísa Helena Lima de Moraes Carvalho

Ewerson Claudio de Azevedo

Ema Regina Greber Carneiro

Breno de Souza Rocha

Antonio Jacinto Filho

Membros suplentes

Israel Pinto Dornelles Dutra

Luiz Arnaldo Dias Campos

Honório Luiz de Oliveira Rego

CONSELHO FISCAL

Presidente

Antonio Carlos de Andrade

Membros titulares

Alexandre Varela

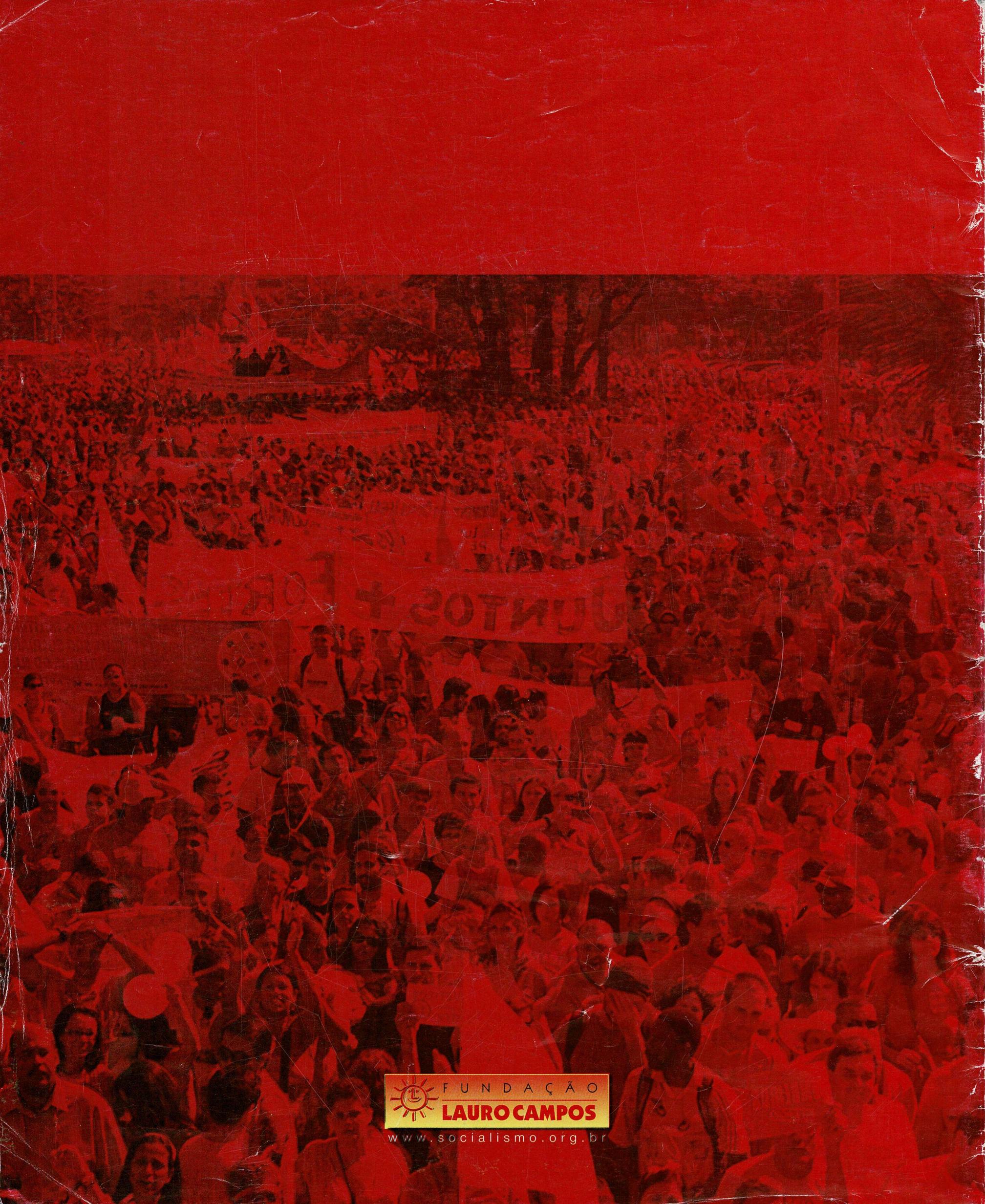
Luciana Gomes de Araújo

Membros suplentes

Jaqueline Teresa Aguiar

João Batista Oliveira de Araújo





FUNDAÇÃO
LAURO CAMPOS

www.socialismo.org.br